



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

***ENTRE A ALMA E A CARNE:
REFLEXÕES SOBRE SÃO BERNARDO, DE GRACILIANO RAMOS***

ALANNY PAULO RICARDO DE ALMEIDA

CAMPINA GRANDE
Dezembro, 2010

***ENTRE A ALMA E A CARNE:
REFLEXÕES SOBRE SÃO BERNARDO, DE GRACILIANO RAMOS***

ALANNY PAULO RICARDO DE ALMEIDA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador (a): Professor Doutor Iranilson Buriti de Oliveira

Campina Grande

2010.

ALANNY PAULO RICARDO DE ALMEIDA

*ENTRE A ALMA E A CARNE:
REFLEXÕES SOBRE SÃO BERNARDO, DE GRACILIANO RAMOS*

Monografia Avaliada em __/__/__ com a nota _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Orientador (a)

Profa. Mestranda Ivone Agra
Examinador (a)

Prof. Dr. José Benjamim Montenegro
Examinador (a)



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

A Erick, meu querido filho.

*Que durante esta longa caminhada
amargou minha ausência.*

*E ao pequeno ser que cresce
dentro do meu ventre.*

“A história é um romance verdadeiro”

Paul Veyne

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a DEUS, que em sua misericórdia sempre olhou por mim, e fortaleceu minha alma. Em todos os momentos de felicidade, tristeza, desespero, desengano, sonhos e frustrações, foi em ti senhor, que busquei forças para continuar.

A minha mãe Verinalda, que em toda minha vida me apoiou, me guiando e fazendo o possível e impossível para realizar meus sonhos, meu muito obrigado.

A meu filho Erick, que ao longo foi obrigado a dividir sua mãe com os textos e com a universidade, devo mais que agradecimentos, peço perdão por todos os momentos que estive ausente, mas tudo que fiz foi por um propósito maior, sempre acreditei que era o melhor para você. Agradeço a Deus mais uma vez por ter me concedido a graça de ter Erick que, com sua sensibilidade, me ajudou nos momentos mais difíceis, com um sorriso ou um “eu te amo mamãe”. Não poderia deixar de agradecer também ao meu outro filho, que ainda no ventre ilumina ainda mais minha vida.

A meu querido esposo Mário, que ao longo desses quatro anos de curso me dividiu com Clio, me apoiou e me deu forças para prosseguir, compreendendo minhas ausências, suportando minhas crises existenciais, e me chamando para a realidade, sempre que por teimosia tentava escapar dela.

Aos meus familiares, pai, irmã, irmãos, tias e primas que sempre colaboraram comigo, principalmente minha irmã Aline que cuidou do meu filho, dando condições para eu prosseguir em meus estudos. E a tia Rizalva que além do apoio financeiro também me ajudou na minha caminhada com suas palavras de incentivo e com os sonhos que projetará para mim.

A todos os professores que participaram da minha caminhada rumo ao aprendizado, meu muito obrigado. Aos mestre que me ensinaram o gosto pela história, a professora Araci que sempre me provocou, a Bethânia que mostrará a paixão pela disciplina, a Lucinha que despertará mais que uma visão crítica, o prazer das diferentes formas de estudar História, o professor Severino, que com seu rigor me instigou a estudar sempre mais, (só para não dar o gostinho de uma nota baixa), em fim agradeço a todos que fizeram parte de minha formação me encaminhando rumo a universidade.

Na academia também reforço meus votos de gratidão a todos os professores e professoras, em especial a Marinalva Vilar e Regina Coeli, que sempre acreditaram em

mim e me ajudaram nesta caminhada. A Faustino, Clarindo exemplo de profissionais dedicados e apaixonados pelo lecionar. O professor Benjamim que com suas brincadeiras trouxe leveza para a sala de aula, sem nunca deixar de cumprir seu papel de mestre.

Agradeço profundamente a meu orientador professor Iranilson Buriti, que agüentou minhas angústias, foi atormentado por minha indecisão, sendo paciente e me transmitindo uma enorme tranqüilidade, mostrando os caminhos a seguir na pesquisa. Muito obrigada Iran, o considero um amigo, pois mesmo nas dificuldades do dia a dia, buscou espaços para me atender.

Falando em amigos tenho uma grande lista para agradecer. Élide, Fabricia, Sandra, Sandra, Cleyna, Jaqueline, Tatiara, Izabel, amigas com quem ao longo da vida pude contar. Nice, Martinho e Dona Ana a quem sempre recorrer para usar o computador, alias tenho um sério problema com este equipamento, ele sempre me deixa na mão nos momentos que eu mais preciso, também devo muito, pois com muita paciência me ensinaram e me ajudaram com minhas pesquisas.

Ah! Ainda tem as amizades sinceras que construir ao longo do curso, o trio, Gláucia, Miebt e Muriel, as palavras que a vocês eu dirigir, não chega a se aproximar do sentimento que por vocês nutro eternas amigas.

E o que seria de mim sem a “razão da minha existência” Gláucia, como a aperreei, “Gláucia lei para vê se ta bom,” e ela em meio as suas inúmeras crises existenciais, que muitas vezes ajudei a resolve ou piorei, sempre me atendia. Flor que desabrochou durante esses quatro anos, deixando de ser uma maninha, se tornando independente. Amiga que ainda me cedeu seus ombros e ouvidos para escutar os meus lamentos. Obrigado visse mulher, você é dos anjos que ilumina meu caminho.

Miebt, amiga com quem fiz a maioria dos trabalhos, que sempre determinada me convencia de suas idéias. Desde do início estivemos juntas, nos apoiando, refletindo sobre a vida e sobre a História é claro. Com você guardo lindas lembranças, risos e lágrimas com você compartilhei. Tenho certeza e que os laços que construir com você são eternos. O brigado pelo incentivo, estando sempre ao meu lado, vai até esperar para fazermos a seleção do mestrado juntas.

Tem Muriel também! Pensou que eu tinha esquecido não foi. A minha linda menininha, tão angustiada como eu, alias fazemos o quaterto das desesperadas. Foi uma das primeiras pessoas que comigo construiu laços eternos de amizade, assim que entrei no curso. Sempre solícita, me ajudando sempre que possível, além de grande amiga que

sei que posso contar, foi outro anjo que me guiou, meio atrapalhada é claro, mais de coração aberto. Obrigada por ter me acompanhado nos momentos mais felizes e mais angustiantes da graduação,

Não poderia esquecer é claro de Suzana, que me adotou como filha, se preocupando e cuidando de me nos muitos momentos de crises emocionais e de doença também. Nunca vi mulher tão besta com gravidez como essa. Suzana eu não quebro tão fácil assim não só porque estou grávida lesa! Um corpo de mulher e uma mente de criança mimada que precisa de muita atenção, obrigada visse pó tudo principalmente pelas vezes que me ajudou com o meu “pequeno” problema com a tecnologia, se não fosse você esta monografia não teria citação, ainda bem que você me ensinou o colocar.

Laís, que com sua doçura e simpatia nos encantou. Obrigado pelos inúmeros momentos de alegria.

As amigas são responsáveis por nossas melhores lembranças, a todos que junto comigo teceu laços fraternos durante o curso meu muito obrigado. Adjeferson, Lidiane, Lauricéia, Catarina, Robson, Alberto, André Ouriques, Flávio André, Gustavo, Raissa, Naíne, Gabi, pessoas com que dividi muitos momentos alegres e que me ajudaram a crescer intelectualmente. As meninas que sempre estavam no C.A de História, com quem dei muitas risadas, Eveline, Marivania, Jaidete, Elaine, Clébia, Dorinha, Adriana, Dona Inês, Graça e Sunara.

Em fim ao longo de minha pequena existência afinal não sou tão velha, só tenho a agradecer, peço desculpas se esqueci de alguém, mas a gratidão e o carinho que guardo no coração, escreveram todos os nomes em minha alma.

RESUMO

O nosso trabalho se propõe a analisar os lugares de fala de Graciliano Ramos e as representações dos conflitos da década de 1930 em suas obras, principalmente São Bernardo, fonte principal de nossa discussão. Estudaremos também como alguns dos personagens de São Bernardo rompem com o cenário posto pelo narrador personagem Paulo Honório. As fissuras no texto apresentadas por Graciliano nos permitem desenvolver uma análise dos discursos que emergem e transitam no romance. Concebendo a escrita como um processo de construção permeado por idas e vindas, ou melhor, lavagens, torcidas, batidas, espremer a palavra até que esta possa ter a finalidade que possui, dizer, Graciliano apresenta a importância da linguagem, destacando essa e garantindo o caráter inovador de sua obra, que põe a linguagem popular sob as normas cultas. E neste processo de tantas trocas de linguagens, discursos, como se fossem as águas das roupas lavadas, se apresentam o não-dito, que apesar de não se materializar em palavras, está presente na construção do discurso. E justamente a construção desses discursos serão alvo de nossos questionamentos, buscando nos enunciados elementos que integrem essa formação discursiva.

Palavras-chave: São Bernardo, discursos e rupturas.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Lugares de enunciação.....	20
1.1. O alvorecer de Graciliano.....	22
1.2. O sujeito é desvendado na escrita.....	25
1.3. O espaço acadêmico de Graciliano Ramos.....	27
1.4. Graciliano transita geografias: na vida e em suas obras.....	30
2. Rupturas no cenário.....	36
2.1. Madalena: fissuras do corpo feminino, angústias da alma	36
2.2. A onda vermelha invade a narrativa	41
2.3. O eu esfacelado	46
2.4. Os autores: Paulo Honório e Graciliano Ramos	49
3. Considerações finais	54
4. Referências bibliográficas	57

INTRODUÇÃO

Este trabalho coloca em discussão as fronteiras que perpassam a História e a Literatura, refletindo sobre a leitura histórica nos textos literários, buscando traços e indícios para que, como historiadores, possamos questionar nossa fonte. Propomo-nos a analisar os lugares de fala de Graciliano Ramos e suas representações em suas obras, principalmente *São Bernardo*, fonte principal de nossa discussão. Destacaremos ainda as rupturas, as descontinuidades e os conflitos presentes na obra, e como estes discursos são construídos e se ordenam na narrativa.

Nossa vida é marcada por escolhas e, dependendo destas, mudamos ou não o curso de nossa história. No âmbito acadêmico não seria diferente, por isso a escolha de um tema é marcada por encontro e desencontros, é preciso que a temática o provoque, inquiete, que manifeste em você uma atração. *São Bernardo* me inquietou, posso dizer que me apaixonei pela escrita de Graciliano Ramos, não em uma relação harmoniosa, mas no conflito, na reflexão sobre a alma humana que fiz ao primeiro contato que tive com o romance no ano de 2005, na disciplina de Literatura, ainda no Ensino Médio, quando tive a oportunidade de tentar teatralizar a obra. O tempo passou e outras leituras e inquietações surgiram, entretanto uma busca por outra temática, o discurso higienizador perante os corpos e mentes femininos, me trouxe de volta a provocação por este romance.

Como uma pesquisa não pode ser baseada apenas nos desejos, buscamos analisar a viabilidade que esta possui. Um primeiro passo foi realizar um balanço bibliográfico, verificar o que já foi produzido a respeito do autor e da obra. Nesse contexto destacamos a obra de Wander Melo Miranda¹, crítico literário que se debruça sobre a vida e a obra de Graciliano Ramos. Para ele, Ramos é um dos maiores escritores da literatura brasileira, possuidor de um estilo clássico que não se separa de seu comprometimento ético e reafirma o vínculo da obra de Graciliano com sua vida. Elementos que questionaremos no decorrer de nosso trabalho.

¹Wander Melo Miranda é professor titular de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais e supervisor do projeto de reedição da obra completa de Graciliano Ramos.

Cristiane Praxedes em seu texto monográfico² traz uma discussão sobre as identidades nordestinas, apresentadas por Graciliano em *Vidas Secas*, romance que retrata a seca e a miséria humana no interior do Nordeste. A autora discute ainda o lugar social do autor, discorrendo sobre a biografia de Graciliano Ramos, porém ela poderia ter articulado melhor o lugar de fala do autor com sua escrita.

Já Iranilson Buriti³ discute em sua narrativa como os Romances vão construir discursos, representações para a família nordestina. O autor faz uma análise sobre a crise da família patriarcal e como esta é posta nos romances de Graciliano Ramos em especial *Vidas Secas*. Albuquerque Jr.⁴ nos apresenta a discussão sobre a invenção do Nordeste destacando que o Movimento Regionalista colaborou para a criação e divulgação da região marcada pela fome, pela miséria ou pelo saudosismo do chamado ciclo da cana-de-açúcar. Apesar da contribuição de Albuquerque Jr no que toca a sua percepção de como se construiu um discurso interessado sobre a seca e como se inventou um Nordeste, discordamos de sua posição no que toca a Graciliano Ramos. A obra deste autor não privilegia apenas o espaço físico, mas adentra a alma humana construindo espacialidades, desterritorializando sujeitos.

Graciliano Ramos não se detém às direções do *Manifesto Regionalista*⁵ de exaltação do tradicional, da região em busca e manutenção de tais valores do Nordeste. Ele se apresenta com outro olhar, não romantiza as mesmas imagens apresentadas por seus amigos⁶ envolvidos no movimento. Traz uma escrita tradicional, simples e direta, com teor metafórico que poucos apresentam, como destaca o crítico literário Flávio Loureiro⁷. Segundo este, Graciliano cria a metáfora da tirania, única na literatura brasileira, expondo a condição do próprio homem no mundo contemporâneo, não fazendo apenas o registro do real, mas provocando sua ultrapassagem.

² SOUZA, Cristiane Maria Praxedes. *Os fios literários e a tessitura nordestina: o discurso regional em Vidas Secas de Graciliano Ramos*. Caicó: UFRN, 2003.

³ BURITI, Iranilson. *Romanceando a família na terra do sol*. Recife: UFPE, 2000.

⁴ Ver ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 1999.

⁵ Consultar FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 4. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1967.

⁶ Rachel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Jorge Amado entre outros integrantes do Movimento Regionalista.

⁷ Ver CHAVES, Flávio Loureiro. *História e Literatura*. 3ed. Amp - Porto Alegre: Ed. Universidade (UFRGS, 1999).

Realizado este primeiro momento de indagações sobre o que se escreveu a respeito da vida e obra de Graciliano Ramos⁸ podemos destacar a sua importância produtiva tanto no âmbito da História quanto da Literatura, de obras que se dedicam a refletir sobre esta temática. Percebemos, então, o desafio que possuímos ao analisar os lugares de fala de Graciliano e os discursos presente em *São Bernardo*, destacando as rupturas e continuidades representadas neste.

Nosso trabalho pretende trazer uma contribuição para a discussão a respeito de Graciliano Ramos e em especial sobre sua obra *São Bernardo*. Como cremos que nossas sensibilidades são diferentes e que o olhar do historiador varia, de acordo com suas vivências e seus lugares de fala, podemos destacar o teor singular de nossa pesquisa. É nesse sentido que Roger Chartier ressalta:

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura.⁹

Ao lermos *São Bernardo* produzimos novos significados, contudo esta liberdade interpretativa não é de todo plena, pois tanto somos influenciados por nosso conhecimento prévio, quanto o escritor em sua produção nos cerca de limites. O autor não é um produtor exclusivo, ele é o ponto de partida de uma produção que se ressignifica a cada olhar e época em que está inserida.

Walter Benjamin¹⁰ tecerá contribuições também a respeito dos autores, evidenciando que um texto nunca se esgota em um olhar, nossa escrita segue regras, somos condicionados por aportes teóricos, pelo lugar acadêmico que estamos inseridos, por nosso público alvo, enfim nos cercamos de metodologias, intencionalidades, pois desejamos a aceitação de nossa escrita perante nossos pares. Sendo assim seguiremos nossa narrativa discutindo um pouco sobre a fronteira entre História e Literatura.

A renovação dos conceitos, a crise dos paradigmas e o estilhaçamento da realidade provocam o repensar do ofício de historiador e de como se constitui o estatuto

⁸ Como temos uma imensa bibliografia a respeito de Graciliano Ramos elegemos na discussão apenas alguns trabalhos, que a nosso ver se destacaram na discussão, restando ainda uma imensa lista de outros autores que se possível nos aprofundaremos em outras pesquisas.

⁹ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo Carmelo Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999, p.77.

¹⁰ Ver BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

que provém de uma nova época. A preocupação com a escrita e sua recepção é um dos principais questionamentos da História Cultural, permitindo a possibilidade de novas metodologias, teorias, fontes e diálogos ente os saberes. Os estudos sobre o imaginário “sistema produtor de idéias e imagens que suporta, na sua feitura, as duas formas da apreensão do mundo: a racional e conceitual, que forma o conhecimento científico, e as das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível”¹¹. Possibilitam-nos a buscar formas de sentir, ver e expressar o real dos tempos passados, mas não com pretensão de alcançar verdades e sim de nos aproximarmos do acontecido, chegando, quem sabe, a uma verossimilhança dos fatos, uma versão do passado construída que possua efeitos de verdade.

O diálogo entre História e Literatura se inscreve nessa esteira, e é necessário que olhemos para esta aproximação percebendo suas fronteiras, não as que delimitam espaços e sim as que nos mostram os pontos de convergência, diluindo as fronteiras fixas, tornando-as fluídas.

Sandra Jatahy Pesavento coloca que “Literatura e história são narrativas que têm o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo”¹². Partindo do mesmo referencial, Clio e Calíope¹³ se configuram de maneira diferente, o historiador constrói representações do real, entretanto ele tem que se preocupar com as imposições do seu ofício, a cronologia, as fontes, a teoria, a metodologia. Já o literato possui acesso livre ao imaginário, para a construção do seu real. Assim sendo, literatura relata o que poderia ter sido, os personagens literários existiram enquanto possibilidades, dotadas de realidade, pois possuem defeitos e virtudes humanas, como revela Pesavento:

Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retração sensibilidades. Foram mais reais na “verdade do simbólico” que expressam, não no acontecer da vida. São dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida. Porque falam as coisas além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo.¹⁴

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundo Nuevos. Acesso em 29 de outubro de 2010. p. 02

¹² PESAVENTO, 2010. *Op cit.* p.03

¹³ Na tradição helena, Zeus e Mnemósine, o pai dos deuses e a deusa da memória, têm sete filhas: as sete musas das artes. Destas artes, Calíope, a musa da literatura e Clio, a musa da História, mantêm uma estreita relação de amizade desde os imemoriais tempos gregos míticos até os dias atuais.

¹⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Acesso em 29 de outubro de 2010.p.4

Essas possibilidades apresentadas pela literatura nos fornecem indícios, rastros de historicidades, pois expressam sensibilidades do real, este posto em suspensão, porque se indagarmos um sujeito que vivencia determinado acontecimento ele nos dará sua versão sobre tal, já que a verdade se apresenta de maneiras distintas mudando conforme interesses e relações de poder, o que torna a verdade absoluta inatingível, uma vez que ela é múltipla. O historiador não atinge assim como o literato o real acontecido, ele busca aproximar-se dele.

O historiador não cria fatos nem personagens, ele os descobre dando visibilidade e voz a sujeitos silenciados pelo tempo. Inventava sua narrativa a partir de fatos, rastros, indícios, sua sensibilidade o ajuda a uma aproximação da experiência dos sujeitos em questão. Constróem seus discursos aportados em métodos e teorias, discursos estes possuidores de efeitos de verdade e geradores de poder. Ele captura fragmentos do vivido, subtrai de seu ambiente, rearruma, monta operando com as fontes, fazendo transplantes. A história é um estranhamento entre o passado e o presente, uma relação que interage, não é fixa, não é estática, ela é mutante.

A História assim como a Literatura opera narrativas, a partir da década de 1970 autores como Hayden White e Michel de Certeau vão trazer reflexões para a historiografia no tocante a mudança do estatuto histórico. Clio passa agora a ser vista como uma narrativa, ampliando, assim, a relação com a Literatura. Hayden White em seu estudo sobre Meta-História¹⁵ acopla História e Literatura numa mesma estrutura narrativa. Para ele, o historiador cria através dos tropos historiográficos, figuras de linguagem utilizadas constantemente por historiadores: metáfora, metonímia, sinédoque e ironia. Muito criticado por entender a História como arte e destacar o seu caráter ficcional, Hayden White traz tensão a muitos historiadores através do medo do sombreamento da objetividade histórica. Apesar das críticas, ele nos fornece uma grande contribuição que é o destaque à linguagem na obra historiográfica, com seus tropos historiográficos e a ampliação da discussão sobre o caráter ficcional da História.

Certeau¹⁶ destaca também o teor de arte da História, mas não só este, para ele a História é uma narrativa construída a partir de técnicas científicas, o método historiográfico e a noção de tempo. A história também possui dentro desta perspectiva um caráter ficcional, a ficção não seria inventar e sim transformar o fato em narrativa.

¹⁵ Ver WHITE, Hayden. *Meta-história: imaginação histórica do século XIX*. Tradução de Jose Laurenio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1995.

¹⁶ Ver CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

Como destaca Pesavento¹⁷, a História é “uma ficção controlada”, o trato com as fontes, a busca pela aproximação do real acontecido, e controle dado pelas estratégias de argumentação, o método nos difere da literatura.

O mundo da ficção literária – *este mundo verdadeiro das coisas de mentira* – dá acesso para nós, historiadores, às sensibilidades e as formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado e que os historiadores buscam. Isto implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de “real acontecido”, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam.¹⁸

Estas sensibilidades das formas de ver, de sentir, presentes no romance *São Bernardo* nos fornece rastros e indícios que podemos historiar. Este trabalho segue avaliando como destaca Certeau, o lugar de fala do autor, pois a escrita não é neutra. Em seguida, analisaremos os discursos presentes no romance que revelam as rupturas, continuidades e descontinuidades que a narrativa constrói. Para Foucault¹⁹, o discurso é um conjunto de enunciados pertencentes a campos diferentes, mas que obedecem a uma ordem de funcionamento comum, uma formação discursiva. Esta acumulação de conceitos, práticas e crenças produzidas por uma determinada episteme²⁰ formam o discurso, concebido como uma dispersão, pois não tem a princípio elementos de unidade. A análise do discurso deve atentar, como destaca Brandão²¹, para a formação discursiva, para as regras de formação, objetos, conceitos, teorias, temas. Enfim, a análise de uma formação discursiva que resulta no discurso consistirá na descrição dos enunciados que a compõem. Estes discursos que representam o cotidiano nos revelam sensibilidades, nos fornecem rastros de historicidade que discutiremos no decorrer de nossa narrativa.

Antes de prosseguirmos a nossa pesquisa faremos uma breve apresentação da obra na qual nos debruçamos: *São Bernardo*. Segundo romance escrito por Graciliano Ramos em 1932 e publicado em 1934, traz uma discussão sobre o processo de modernização, fazendo uma crítica ao capitalismo, mais que isso, expressa no interior uma análise psicológica da “consciência” humana.

¹⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e literatura: uma velha-nova história*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Acesso em 29 de outubro de 2010.p.6.

¹⁸ PESAVENTO, 2010. *op cit.* p. 8.

¹⁹ Ver FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso (aula inaugural no Collège de France em dois de dezembro de 1970)*. Trad.: Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

²⁰ Para Foucault, *episteme* é o conjunto de pressupostos, preconceitos e tendências que estruturam e delimitam o pensamento de qualquer época.

²¹ Ver BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7ªed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

Paulo Honório, narrador-personagem do romance, inicia a narrativa falando do projeto de construção de um livro, *São Bernardo*, no qual ele narra sua história de vida, suas dificuldades na aquisição da fazenda São Bernardo, que nomeia o livro, e relata como fez das ruínas herdadas por Padilha e adquiridas por ele um lugar próspero. Ao longo do enredo, ele vai destacando seu empreendimento, mudando o foco da discussão apenas quando conhece Madalena e passa a pensar em casamento. A partir deste momento, a narrativa volta-se para a relação de Paulo Honório com sua esposa, circulada por outras personagens que irão compor o enredo. Os ciúmes do narrador personagem permeiam então as discussões, que resultam no desvelar de Paulo Honório. Todo o entusiasmo e a prosperidade narrada no início se contrapõem então com a melancolia e o esfacelamento do sujeito, que decadente passa a refletir sobre sua vida.

A questão da memória se evidencia no romance, visto que o narrador-personagem parte de suas lembranças para construir o enredo. Percebemos de início que Paulo Honório usa da lógica capitalista para pensar tudo ao redor de si, calculando os lucros de qualquer decisão, construindo a sua volta um processo de reificação dos sujeitos.

A trama se desenvolve, segundo Miranda,²² em dois polos. No primeiro instante narra a trajetória vitoriosa de Paulo Honório, de aquisição de posses, a fazenda São Bernardo e sua esposa Madalena surgem neste contexto como boas aquisições, o narrador-personagem projeta tudo a sua volta dentro de uma cultura do mando. O eixo do romance se modifica quando Paulo Honório começa a perceber as rupturas do tradicional ambiente rural que ele dominava com as idéias do urbano.

Madalena sai da cidade e passa a viver com seu esposo no campo, entretanto leva consigo as idéias modernas. Além de vivência do ambiente urbano, ela possuía uma coisa que Paulo Honório não tinha: o saber, e este, como coloca Foucault, é gerador de poder, o qual ele não conseguia controlar.

A partir de então, a dúvida e o ciúme passam a tomar conta da mente de Paulo Honório. Neste segundo momento, o narrador que apresentava uma linguagem direta demonstra a angústia de não conseguir decifrar sua esposa, ou melhor, Madalena não se rende a lógica do mando, ao controle de Paulo Honório, seu suicídio no final do romance revela o fracasso de Paulo Honório. Graciliano então mostra em uma das passagens mais belas do romance a alma humana revelada.

²²MIRANDA, Wander Melo. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Publifolha, 2004. - (Folha explicativa)

Lá fora há uma treva dos diabos, um grande silêncio. Entretanto o luar entra por uma janela fechada e o nordeste furioso espalha folhas secas no chão.
 É horrível! Se aparecesse alguém... Estão todos dormindo.
 Se ao menos a criança chorasse... Nem sequer tenho amizade a meu filho.
 Que miséria!
 Casimiro Lopes está dormindo. Marciano está dormido. Patifes!
 E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que morto de fadiga encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos.²³

Nosso trabalho será articulado em dois momentos. No primeiro, "*Lugares de Enunciação*," trataremos dos lugares de fala de Graciliano Ramos, que como discute Certeau²⁴, circulam e interferem na nossa escrita. O próprio Graciliano discute como o processo da escrita é permeado por nossas emoções, sendo o texto pedaços de quem o projeta. Esta relação do autor com a escrita iniciará nossa análise.

Debruçaremos-nos também em torno da vida de Graciliano, sua vida pessoal, sua inserção acadêmica e em suas obras, questionando até que ponto estes lugares interferem na nossa escrita e investigando esses lugares que o sujeito Graciliano Ramos ocupava.

No segundo capítulo, "*Rupturas no Cenário*", partiremos para a análise dos discursos que transitam em *São Bernardo*. Evidenciando a relação entre Paulo Honório e os outros personagens, as fissuras, os atritos e as rupturas que estes causam ao projeto de vida do nosso narrador personagem.

No primeiro tópico deste momento analisaremos Madalena. Os discursos por ela evidenciados no enredo, as rupturas que ela causa no cenário narrativo apresentado por Paulo Honório, o relacionamento distante com seu filho, buscando assim as sensibilidades afloradas por esta personagem. Em seguida, procuraremos abordar os ciúmes de Paulo Honório perante Madalena e, a partir deste, como Graciliano articula no enredo uma crítica ao anticomunismo, evidenciando assim seu lugar ideológico.

A fragmentação do sujeito, o esfacelamento de Paulo Honório e sua busca por uma memória relacionando passado e presente que envolve toda a narrativa, nos fornece a possibilidade de refletirmos como os indivíduos buscam no recordar vivenciar emoções passadas. Podemos destacar também neste tópico, a percepção que os sujeitos, tanto Paulo Honório quanto seu Ribeiro possuem das rupturas que vivenciaram.

²³ RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 79. Ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004. p.221.

²⁴ CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2000. p. 65-109.

Nos voltaremos, ainda, para a questão da escrita, discussão apresentada por Paulo Honório ao expor sua dificuldade com as palavras. Dificuldades que Graciliano não possuía, pois suas metáforas e a forma como ele utiliza a palavra vem trazer um novo tipo escrita, na qual coloca a oralidade e as expressões populares sobre a pena e o rigor da gramática. Convidamos você leitor a junto conosco perceber não só a beleza da escrita de Graciliano Ramos, mas sua construção e como revela de forma sensível “pedaços de verdades nos absurdos mais claros”²⁵.

²⁵ RAMOS, Graciliano. Apud. CHAVES, Flávio Loureiro. **História e Literatura**. 3ed. - Porto Alegre: Ed. Universidade (UFRGS, 1999). p.54.

1. LUGARES DE ENUNCIÇÃO

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer". (Graciliano Ramos)

Iniciamos a discussão deste capítulo trazendo o que Graciliano concebe como escrita. Escrever para ele é como diz Certeau²⁶, uma operação nas palavras. O processo de construção de uma narrativa é permeado por idas e vindas, ou melhor, lavagens, torcidas, batidas, espremer a palavra até que esta possa ter a finalidade que possui, o dizer. E neste processo de tantas trocas de linguagens, discursos, como se fossem as águas das roupas lavadas, estaria também o não-dito²⁷, que apesar de não se materializar em palavras, está presente no discurso.

Quando Graciliano nos diz que "*a palavra não foi feita para brilhar como ouro falso*", percebemos uma importante característica de sua escrita, a linguagem simples, popular, tradicional. Entretanto, isso não significa que o fato de seus textos não serem compostos por "firulas"²⁸, não apresentem uma sensibilidade e uma riqueza argumentativa que integram corpo, espírito e realidade numa veia literária, que ao ler suas obras viajamos na espacialidade do texto, como se fôssemos personagens de suas narrativas presentes no enredo. A força da palavra, o seu dizer e a intenção com que isto é feito são, para Graciliano, elementos pertencentes a seu ser, seu corpo e alma.

Ao exercitar sua escrita, Graciliano muitas vezes representa o "real" apoiando-se na razão, entretanto ele fala de um lugar, o de literato o que lhe dá a liberdade de criação. Ele se põe a escrever apoiando-se em algumas características que compunham

²⁶ CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2000. p. 65-109.

²⁷ Condicionamento do que se pode ou não dizer, a forma como algo é dito implica que outras coisas não sejam ditas. Ver CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

²⁸ Palavras de efeito que possuem como prioridade enfeitar a narrativa.

o chamado Romance Social de 1930²⁹ e o Movimento Regionalista³⁰, o primeiro contribuindo com o caráter de denúncia social e outro trazendo o Nordeste como espaço na narrativa. Em *São Bernardo*, a descrição da paisagem exterior, e o retrato comum do universo patriarcalista de cunho lírico e sentimental dão lugar à brutalidade e à reificação feita por Paulo Honório. O espaço que Graciliano destaca não é apenas o geográfico, ele faz uma análise psicológica do representante da família dita patriarcal, desnudando os personagens e mostrando o vazio e angústia neles existentes.

Para o “Mestre Graça”³¹, o autor e a obra são reflexos de transição e interação dos dois corpos: a carne e o texto. É o próprio que confessa em carta à irmã Marília Ramos: “(...) só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso, não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos”³². A escrita é concebida, então, como corpo, carne que só existe porque foi gerada por uma alma, a do ser que o compõe. Que deita na ponta do lápis o sangue de suas vivências, angústias, felicidades, medos, frustrações, conquistas e vazios.

Graciliano assume que seu lugar de fala, suas vivências, seus desejos, seus medos estão presentes em sua obra. Como já discute Certeau³³, quando fala do lugar social do autor e como este influencia sua escrita. A escrita da história se faz a partir de uma articulação de espaços sociais, econômicos, políticos, culturais, pessoais, acadêmicos, ou seja, recortamos experiências, estabelecendo um jogo de pertencimentos e afastamentos. Não crendo na idéia de uma escrita neutra. Tanto historiadores como literatos constroem suas narrativas a partir de lugares, espaços que o influenciam. A escrita é lavagem, é água que deixa seus fios nas páginas, nas margens do papel.

²⁹ Movimento literário marcado pelo caráter de denúncia social que engloba artista que escreveram sobre as temáticas da década de 1930.

³⁰ O Movimento Regionalista de 1930, resultante do Movimento Modernista, luta contra o academicismo da época, requisitando para a literatura do Nordeste uma fisionomia específica, uma rusticidade própria entre tantas outras “caras” literárias. Esse movimento que se apega aos temas regionalistas tem o Nordeste e os seus conflitos como espetáculos de exploração. Tipos e perfis sociais vão sendo criados, contornados, cristalizados e divulgados para outras regiões, servindo como um quadro de inspiração para a confecção dos romances.

³¹ Apelido carinhoso posto por seus amigos intelectuais, a exemplo, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego.

³² Apud. SOUZA, Cristiane Maria Praxedes. *Os fios literários e a tessitura nordestina: o discurso regional em Vidas Secas de Graciliano Ramos*. Santa Caicó: UFRN, 2003.

³³ Ver CERTEAU, Michel de. *Operação historiográfica*. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

Se, como destacou Graciliano, só podemos expor o que somos e só conseguimos deitar no papel o que sentimos, buscaremos na vida de Graciliano seus pedaços, ou melhor, seus personagens. Vivências que evocam sentimentos, reproduzindo a experiência do vivido, reconfigurado pela presença do sentimento.

1.1. O alvorecer de Graciliano

Em 27 de outubro de 1892, Quebrângulo, no interior de Alagoas, nasceu Graciliano Ramos, que tornaria-se no futuro um de seus mais “brilhantes” filhos. Alagoas assistia ao alvorecer de um menino, filho de Sebastião Ramos e de dona Maria Amélia Ferro Ramos. Graciliano Ramos iniciava sua trajetória de vida crescendo numa atmosfera patriarcal, marcada pela política coronelista, por repressões a crianças, mulheres, a idéias políticas, à sexualidade. A sociedade do mando, onde a figura do homem e, principalmente do pai, representava temor.

Graciliano vivencia na sua infância esse ambiente familiar em que cada um deve saber o seu lugar, a sua geografia, sendo reservada para criança a atmosfera do silêncio, das conversas com animais, das brincadeiras com “bois de osso” ou com outros pares”³⁴.

Seu Sebastião Ramos personificava a figura do pai, da autoridade do mando. Comerciante e fazendeiro, pertencia a uma média burguesia, a qual seria alvo das críticas de Graciliano Ramos em seus textos. *São Bernardo*, por exemplo, apresenta essa crítica à burguesia, ao capitalismo, uma crítica à modernização, à perplexidade do progresso.

Seu Sebastião detinha um temperamento forte, não admitindo desobediência, era um legítimo representante da dita família patriarcal. Já a mãe, descrita por Graciliano como uma mulher sem voz, dedicava sua vida à criação dos filhos e a cuidar da casa. Não apresentava amabilidades para com seus filhos. Perceber as frustrações e os traumas que Graciliano sofreu na sua infância, com um pai rigoroso e violento que utilizava da agressão como medida educativa, e a falta de carinho de sua mãe, é entender diversas personagens de suas obras.

A mão cabeluda prendeu-me, arrastou-me para o meio da sala, a folha de couro fustigou-me as costas. Uivos, alarido inútil, estertor. Já então eu devia

³⁵ GALVÃO, A. Apud. OLIVEIRA, L. *Romaneando a família na terra do sol*. Recife: UFPE, 2000.

saber que rogos e adulações exasperavam o algoz... (...) Solto, fui enroscar-me perto dos caixões. Coça as pisaduras, engolir os soluços, gemer baixinho e embalar-me com os gemidos. Antes de adormecer, cansado vi meu pai dirigir-se à rede (...). Sozinho, vi-o de novo cruel e forte, soprando, espumando. E ali, permaneci, miúdo, insignificante, tão insignificante e miúdo como as aranhas que trabalham na teia negra.³⁵

“Pela pena do Graciliano - autor, o jovem Graciliano pensava em sua finitude³⁶, o vazio, a angústia o faz lembrar passagens marcantes em sua vida. Mostrando como a própria existência do sujeito se confunde com o menino miúdo e insignificante, refém do seu próprio medo, aprisionado pelo poder das instituições, a família, os adultos, o patriarcalismo, as elites, a escola, o jornal entre outras. A personalidade humana se mostra tanto insignificante quanto cruel. O pai em sua plenitude como representante do poder, aprisiona o filho com sua força e mais que isso, com o medo.

E o pequeno continuava a arrastar-se, e caindo, chorando, feio como os pecados. As perninhas e os bracinhos eram finos que faziam dó. Gritava dia e noite como um condenado, e a ama vivia meio doida de sono. [...] Ninguém se interessava por ele. D. Glória lia, Madalena andava pelos cantos, com as pálpebras vermelhas e suspirando. Eu dizia comigo: Se ela não quer bem ao filho!³⁷

Em *São Bernardo*, por exemplo, o filho de Paulo Honório e Madalena é um ser sem identidade, sem nome, miúdo, insignificante como se sentia o próprio Graciliano quando criança. O narrador personagem fala pouco sobre seu rebento, que chamado de criança surge na obra como um ser necessário, porque Paulo Honório precisava de alguém para herdar seu nome, projetando-se na criança como uma forma de continuidade do sujeito que um dia deixaria de existir. Paulo Honório necessitava de um herdeiro. A criança é distanciada da família, Madalena não mostrava carinho ou amorosidade para com seu filho, havia uma relação distante. A não amabilidade de Madalena para com seu filho lembra o distanciamento entre Graciliano e sua mãe.

Elisabet Batinter³⁸ discute em seu texto como o mito do amor materno foi construído historicamente, e que este não é inato à condição da mulher, sendo evidenciado, ou sufocado dependendo da sociedade em que esta mulher esteja inserida.

³⁶ RAMOS, Graciliano. *Infância*. 39ªed. Rio de Janeiro: Civilização, 2008, p.36-37.

³⁶ COELHO, Victor de Oliveira Pinto. Confissão, ficção, história: uma análise interdisciplinar da obra ficcional de Graciliano Ramos. In: *Saeculum. Revista de História*, ano 15, nº 20 (2009)- João Pessoa: Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan/jun. 2009.

³⁷ RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 74. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.138.

³⁸ Ver: BANDINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Elisabeth Bandinter; Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Então, a compreensão do amor materno que temos hoje em nossa sociedade não pode ser utilizada para compreender a instituição do amor materno em outro tempo, isso seria anacronismo. A concepção de que mulher possui um extinto maternal repleto de amor e dedicação incondicional é uma invenção moderna, uma convenção cultural. O amor materno não é um elemento determinado biologicamente que toda mulher apresenta. Como um sentimento inerente ao indivíduo o amor é construído, adquirido, aceito ou recusado dependendo de elementos culturais, temporais, e do desejo de cada sujeito.

O distanciamento que a mãe de Graciliano mantinha dos seus filhos é condizente a sua temporalidade, não só a criança é reservado o espaço do esquecimento, a mulher também é silenciada, é anulada. Assim como a compreensão do amor materno e a demonstração deste se modifica, a percepção da criança também varia. Segundo Philippe Ariès³⁹ a criança até o início da idade moderna é vista como um adulto em miniatura, com o passar do tempo é que ela passa a adquirir um estatuto de criança.

Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio, ou seja, aproximadamente aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e jogos de todos os dias.⁴⁰

O início da preocupação com a educação nos tempos modernos, e a configuração da família moderna passou a inspirar novos cuidados e sentimentos em relação à criança. A escola e a família ajudam a retirar a criança do ambiente dos adultos, reservando para este ser novos espaços, como o espaço escolar por exemplo. No âmbito do privado se estabelece um novo território para os pequenos, que agora não podem mais adentrar o ambiente dos adultos, e passam a viver sob regras de proibição e silenciamento. O pequeno⁴¹, filho de Paulo Honório, é apresentado na descrição do narrador-personagem, silenciado, emudecido, seu território é demarcado longe do espaço dos adultos, talvez seja por isso que a criança pouco transita na narrativa de *São Bernardo*.

³⁹ Ver ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Trad. Dora Flaskman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

⁴⁰ ARIÈS, Philippe, 1978. *Op.cit.* p-275

⁴¹ Modo como Paulo Honório se referia a seu filho. in. RAMOS, Graciliano. *São Bernardo* 74. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.p.160.

1.2 O sujeito é desvendado na escrita

A escrita memorialista de Graciliano é uma forma de realização do sujeito, destaca Coelho⁴². O sujeito que imprime, em suas memórias ou em sua escrita, elementos do passado como uma forma de se libertar de determinados traumas ou de se realizar na escrita, pois isso não foi alcançado em sua vida real. Já Pesavento⁴³ coloca que o rememorar seria uma maneira de evocar os sentidos causados por determinados acontecimentos, vivenciado-os novamente através da sensibilidade. Partindo deste olhar, seria também uma forma de realização do sujeito, mas não apenas isso, o negar de uma situação, o criticar de determinados episódios seria também uma forma de silenciar ou de exercer o poder sobre quem um dia já o fez. Em seus quatro romances: *Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas* os personagens principais são de alguma forma punidos, poderia ser uma forma de expurgar o passado ou negá-lo.

O caráter autobiográfico presente na escrita de Graciliano Ramos é destacado na obra de Miranda⁴⁴. Perceptível ao leitor mais atento, *São Bernardo* apresenta diversos elementos autobiográficos, no entanto é preciso destacar o caráter ficcional da autobiografia, uma vez que os personagens não são meros reflexos da personalidade de Graciliano Ramos, são projeções imaginárias destas multiplicidades de identidades. Sendo assim, não é necessária a verificação empírica do texto segundo Miranda⁴⁵, buscando perceber o que aconteceu na realidade. O importante é perceber como estes elementos autobiográficos vão se descortinando e se revelando no decorrer da narrativa.

Entretanto como destaca Ginzburg⁴⁶, é importante refletir sobre a importância da associação da empiria com os vínculos literários. Destacando que não é apenas o produto final que deve ser alvo do historiador. A composição do romance também interfere nesta construção e utilizar a empiria, para destacar como o romance foi construído, é fundamental para uma análise mais profunda. “Deveríamos (...) deslocar a atenção do produto literário final para as fases preparatórias, para investigar a interação

⁴²Ver COELHO, Victor de Oliveira Pinto. Confissão, ficção, história: uma análise interdisciplinar da obra ficcional de Graciliano Ramos. In: *Saeculum. Revista de História*, ano 15, nº 20 (2009) - João Pessoa: Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan/jun. 2009

⁴³ Ver PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: Escrita e Leitura da Alma. In: *Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

⁴⁴MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silvano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

⁴⁵ MIRANDA, Wander Melo. 1992. *Op.cit.* p. 44

⁴⁶ GINZBURG, Carlo. Decifrar um espaço em branco. In: *Relações de força: História, retórica, prova*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

recíproca, no interior do processo de pesquisa, dos dados empíricos com os vínculos narrativos”⁴⁷. As fontes não falam sozinhas é preciso que o historiador as interrogue, buscando respostas ou mais questionamentos que a fonte possa apresentar. A terceira geração dos Annales⁴⁸ amplia não só as noções de fontes históricas, também nos trazem novos problemas e objetos de estudo. A aceitação da inexistência de fronteiras exatas entre as ciências sociais amplia o campo de estudo e favorece o diálogo com outros saberes. Dentro desta perspectiva, a relação da História com a Literatura se expande, assim como o espaço de interpretação do historiador.

Graciliano imprime em suas obras muitas de suas angústias; a relação difícil com seu pai representante da sociedade patriarcal e da lógica do mando; os traumas de sua infância; os conflitos familiares já na fase adulta; os conflitos pessoais e sociais. Vale lembrar que Graciliano não tinha prestígio social nem recursos financeiros para ser aceito no meio intelectual, o que veio a acontecer por reconhecido mérito e, numa sociedade onde a mobilidade social é muito difícil, Graciliano venceu barreiras. Como destaca Albuquerque Jr⁴⁹ “Na sua escrita, a descoberta dolorosa do vazio de si de que é apenas a lenda não realizada a promessa não cumprida de continuidade do pai, o padrasto de si mesmo”, reflete esta angústia, o vazio.

A crise da família nordestina, conforme narra Buriti⁵⁰, está presente na escrita de Graciliano quando ele nos mostra o amor relacionado à questão socioeconômica e nos apresenta perfis diferentes de famílias. Em *São Bernardo*, uma família abastada em conflito, representando a face de brutalidade e de reificação do narrador-personagem Paulo Honório. Nesse caso, o escritor faz uma crítica à coisificação do sujeito posta pela lógica capitalista e a família revela-se totalmente em crise. Apesar do enfoque à crítica ao mundo moderno e à idéia de progresso, um elemento bem inovador na obra é a análise psicológica da consciência do narrador-personagem, diferente do procedimento de outros integrantes do Movimento Regionalista que enfocavam a descrição da paisagem. São descritas espacialidades e perfis diferentes da família nordestina, mas a

⁴⁷ GINZBURG, Carlo 2002. *Op. Cit.* p.114.

⁴⁸ A Escola dos Annales aparece no cenário europeu de inícios do século XX e apresenta uma forma de escrever história diferente do que se tinha até então, o positivismo e o marxismo: não pretendia centrar suas pesquisas na história factual ou nos embates classistas. Seus fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre foram influenciados pelas novas perspectivas de análise do campo da geografia, tomando como referência Vidal de la Blache, por exemplo. A Escola é dividida em três gerações que nos trazem ainda atualmente inspiração teórica e metodológica, tanto que os principais nomes da teoria historiográfica, hoje, estão ligados de alguma forma a esta linha de estudo.

⁴⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história.** Bauru-SP: Edux, 2007.p.227.

⁵⁰ Ver OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Romanceando a família na terra do sol.** Recife: UFPE, 2000.

desconfiança, o conflito, a falta de um amor romântico marcam esses grupos familiares. Talvez o exemplo do distanciamento de sua família o levou a projetar tais modelos.

1.3. O espaço acadêmico de Graciliano Ramos

Antes de nos voltarmos para os romances, é preciso saber o lugar acadêmico de fala de Graciliano. Ele não possui curso superior, mas foi influenciado por uma corrente de discursos pertencentes ao Movimento Regionalista e ao Romance Social de 1930. O primeiro movimento buscava uma identidade regional, revelando tipos regionais e privilegiando o espaço regional como cenário para as narrativas. O segundo evidencia as questões sociais, mostrando os temas centrais e intencionais do período de 1930.

Graciliano ganha destaque no Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, realizado em 1926 no Recife. Como resultado do Congresso, Gilberto Freyre publica o Manifesto Regionalista em que afirma: “Há dois ou três anos que se esboça nesta velha metrópole regional que é o Recife um movimento de reabilitação de valores regionais e tradicionais desta parte do Brasil”⁵¹.

Procurando reabilitar valores e tradições do Nordeste repito que não julgamos estas terras, em grande parte áridas e heroicamente pobres, devastadas pelo cangaço, pela malária e até pela fome, as Terras santas ou a Cogue do Brasil. Procuramos defender esses valores e essas tradições, isto sim, do perigo de serem de todo abandonadas, tal furor neófilo de dirigentes que, entre nós, passam por adiantados e “progressistas” pelo fato de imitarem cega e desbragadamente a novidade estrangeira.⁵²

O Movimento Regionalista vai buscar na tradição regional do Nordeste identidades para este. Havia uma pretensão de fortalecer a emergente região, preservando uma memória regional ligada à tradição e em oposição ao estrangeirismo. Tendo o Nordeste como espaço na produção literária, preocupavam-se ainda com o caráter de denúncia social a crítica ao capitalismo e à modernização.

A busca por uma tradição de um passado glorioso, rico, açucareiro, nada mais era do que a negação do presente decadente, da burguesia influenciada pela modernização. O movimento critica, ainda, o academicismo da linguagem, buscando preservar uma escrita “popular”.

⁵¹ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 4. Ed. Recife, Instituto Joaquim Nabuco, 1967. p. 29.

⁵² FREYRE, *Op. cit.* p. 33-34.

Esses romancistas fazem parte de uma geração de escritores que, influenciada pelos enunciados marxistas introduzidos no Brasil por militantes ligados ao movimento operário e pelos intelectuais do Partido Comunista, crê na mudança social, na sociedade comunitária.⁵³

O discurso não é natural, ele é dotado de interesses, é o espaço em que o saber e o poder se articulam, sendo controlador e gerador de poder. Sendo assim, o caráter de denúncia social do Movimento de 30 colabora para a construção de um Nordeste marcado por estereótipos, problemas sociais, miséria, ligados quase sempre à seca e ao mando dos coronéis. Veiculados nacional e mundialmente devido à grande aceitação ao Movimento Regionalista, esses discursos passam a ser tidos como verdades.

Este Nordeste é uma máquina imagético-discursiva que combate a autonomia, a inventividade e apóia a rotina e a submissão, mesmo que esta rotina não seja o objetivo explícito, consciente de seus autores, ela é uma maquinaria discursiva que tenta evitar que os homens se apropriem de sua história, que a façam, mas sim que vivam uma história pronta, já feita pelos outros, pelos antigos; que se ache “natural” viver sempre das mesmas injustiças, misérias e discriminações.⁵⁴

O Movimento Regionalista Tradicionalista de 1930 sofre muitas críticas e o caráter de denúncia social é um dos pontos muito questionados. A intelectualidade literária da época atribuía dúvidas aos textos, questionavam-se até que ponto as obras eram jornalísticas ou romances. Outra crítica muito forte é a colaboração dos discursos do movimento de “Invenção do Nordeste”⁵⁵: as constantes temáticas de seca, fome, coronéis, crise social, a preservação da tradição acaba por forjar a imagem de um espaço atrasado, pobre, sofrido, inúmeros estereótipos e preconceitos são construídos.

Segundo Albuquerque Jr., a busca por uma identidade regional surge como reação ao processo de globalização das relações capitalistas, o fluxo de culturas que passam a interagir, e a centralização do Estado. Seria, portanto, uma forma de “costurar uma memória, inventar tradições, encontrar uma origem que religa os homens do presente a um passado, que atribuem um sentido a existências cada vez mais sem significado. O “Nordeste tradicional” é um produto da modernidade que só é possível pensar neste momento.⁵⁶ A memória, marca do Movimento Regionalista de 1930, seria

⁵³ ALBUQUERQUE Junior. apud OLIVEIRA, I. *Romanceando a família na terra do sol*. Recife: UFPE, 2000 p.8

⁵⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Prefácio de Margareth Rago. – 4 ed.rev. – São Paulo: Cortez, 2009.p.85.

⁵⁵ Ver ALBUQUERQUE JR. *Op. Cit.*

⁵⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Prefácio de Margareth Rago. – 4 ed.rev. – São Paulo: Cortez, 2009.p.91

um forma de exaltar um passado, em detrimento do presente burguês, onde o esfacelamento do sujeito e os preceitos modernos imperam.

Apesar de ser influenciado e pertencer ao Movimento Regionalista, Graciliano Ramos apresenta características singulares, fugindo sempre dos rótulos do movimento. A espacialidade que ele apresenta é um Nordeste diversificado e não se detém só ao discurso da seca. O autor não tem a preocupação com o passado, com a origem, retrata o presente, suas impressões sobre este, escreve sobre o seu tempo, despreocupando-se também com o amor romântico, já que o sentimentalismo não permeia sua escrita. Esta é marcada por desconfiança, personagens humanos angustiados, errantes. Ramos também não faz apologia ao progresso, fazendo uma forte crítica ao processo de modernização posto de cima para baixo. Como já destacamos, sua obra é marcada por seus lugares de fala, segundo o próprio Graciliano.

Enquanto a maioria dos escritores está ofuscada pelo progresso (ainda que seja o progresso adaptado às condições locais, mas implicando sempre a defesa dos interesses oligárquicos), Graciliano escancara as misérias da modernidade como um todo, e não apenas da modernização brasileira. O Brasil é como uma aberração gerada pela história ou narrativa do capital.⁵⁷

Outra característica marcante da obra de Graciliano Ramos é a preocupação com a linguagem. Valorizando a linguagem popular, põe esta à prova do rigor das regras e normas gramaticais, desvendando expressões regionais presentes na oralidade, na escrita literária. Albuquerque Jr.⁵⁸ aponta que este evidenciamento da linguagem popular, seria uma forma de rejeitar a linguagem verbal do dominante, da sociedade burguesa. Mostrando assim o sujeito nordestino que, por não dominar, teme em utilizar a linguagem e quando a utiliza ressignifica, criando novas formas de dizer. O personagem Casimiro Lopes, por exemplo, tipo popular, jagunço que acompanha Paulo Honório em toda narrativa, tem sua presença marcada por gestos, a linguagem não se insere a este personagem, Paulo Honório o define como “calado, fiel, pau para toda obra”⁵⁹, Casimiro Lopes tem dificuldades em falar:

Casimiro Lopes é coxo e tem um vocabulário mesquinho. Julga o mestre-escola uma criatura superior, porque usa livros, mas para manifestar esta

⁵⁷ BASTOS, H. Apud. OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Romanceando a família na terra do sol**. Recife: UFPE, 2000. p. 14.

⁵⁸ Ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Prefácio de Margareth Rago. – 4 ed.rev. – São Paulo: Cortez, 2009.

⁵⁹ RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 79. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.p.144.

opinião arregala os olhos e dá um pequeno assobio. Gagueja. No sertão passava horas calado, e quando estava satisfeito aboiava. Quanto a palavras, meia dúzia delas. Ultimamente, ouvindo pessoas da cidade, tinha decorado alguns termos, que empregava fora de propósito e deturpados⁶⁰

Graciliano nos mostra como a importância da linguagem. Casimiro Lopes não conseguia se expressar no falar, apenas no gestual. Paulo Honório apresentava dificuldades em escrever e lidar com as palavras como podemos destacar no início da narrativa “digo a mim mesmo que esta pena é um objeto pesado. Não estou acostumado a pensar”⁶¹ mostra como a linguagem e a escrita são privilegiadas na narrativa. O dizer se mostra complexo, intercalado com silenciamentos, expressões secas, simples, metáforas e argumentos que sempre prezam as normas gramaticais Graciliano revela uma linguagem popular, que não confundindo com populismo revela em profundidade a beleza da alma humana desvelada pela linguagem.

1. 4. Graciliano transita geografias: na vida e em suas obras

Graciliano transita em várias geografias. Nasce em Alagoas, passa a infância em Pernambuco, vai estudar em Maceió, onde inicia seus estudos de colégio, demonstrando desde então sua inclinação para as letras. Aos 18 anos de idade, estabelece-se em Palmeira dos Índios (Alagoas) e fica até 1914, quando decide se aventurar no Sul⁶². Já no Rio de Janeiro, passa a trabalhar como revisor do *Correio da Manhã*, mas este ano iria lhe reservar tristes surpresas: vitimados pela peste bubônica morrem em Palmeira dos Índios seus irmãos, Leonor e Clodoaldo, e seu sobrinho Heleno. Regressando para sua terra, Graciliano casa-se com sua primeira esposa, Maria Augusta, que faleceria seis anos após o enlace, de complicações no parto. Ainda em Palmeira dos Índios, mesmo à revelia, o autor assume a loja de seu pai, pois necessitava de um sustento e passa a comercializar.

Em 1926, Graciliano ingressa na política local, chegando a ser eleito prefeito de Palmeira dos Índios, cargo que renunciaria em 1930, por não concordar com o “fazer” político da época.

Na concepção de Valdemar Lima, Graciliano, o político, era um homem de caráter forte, de valores enraizados, totalmente desinteressado de vaidades

⁶⁰ RAMOS, Graciliano 2004 *Op.cit.* p.63-64.

⁶¹ RAMOS, Graciliano 2004 *Op.cit.* p.12.

⁶² Termologia utilizada para designar a região que hoje é conhecido como sudeste.

personais, um governante de atitudes “apolíticas” que sem a menor hesitação reformulou os desmandos reinantes optando por uma nova maneira de administrar voltada para o interesse da maioria da comunidade⁶³.

Sai da vida política dotado de amigos influentes que o ajudariam a publicar seu primeiro romance, *Caetés*, em 1933. Este romance, escrito entre 1925 e 1928 e revisto em 1930, marca o ingresso de Graciliano na literatura. A obra, segundo Buriti⁶⁴, vem retratar o perfil da família provinciana, no cenário do pequeno-burguês. Tipos comuns se envolvem em pequenos acontecimentos cotidianos de uma pequena cidade, Palmeira dos Índios. Escrito em primeira pessoa, o narrador-personagem João Valério tem pretensões de escrever um romance histórico sobre a devoração do bispo Sardinha ocorrida no século XVI. Graciliano, assim como faz em *São Bernardo*, evidencia a dificuldade de escrever, frustrando a empreitada de João Valério.

Graciliano aborda o adultério de forma diferente em *Caetés* quando apresenta um triângulo amoroso que envolve Adrião Teixeira, Luísa, sua esposa, e João Valério. O triângulo se desenvolve até Adrião receber uma carta delatando o caso de João Valério e Luísa e tentar o suicídio. A morte que só acontecerá dias após, implica no fim do caso, pois Valério abandona Luísa. A obra que o inicia no mundo literário, é composta por inúmeras ironias, característica que ele carrega ao longo de sua jornada como escritor assim como o desapego ao passado presente no romance. A escrita era um espaço para matar o passado.

Em *São Bernardo*, segundo romance, publicado em 1934, Graciliano faz uma crítica à modernização, mostrando os conflitos gerados pelo novo e pelo tradicional e a trama se articula na década de 1930. O narrador Paulo Honório tenta construir um enredo, rememorando seu passado, formula diversas identidades para si, constrói o enredo destacando o que acredita merecer figurar na narrativa. Apresenta-se logo no início contrastando suas características físicas com qualidades que ele considerava como a idade e os cabelos grisalhos. O enredo se desenrola mostrando o projeto de ascensão socioeconômica de Paulo Honório, o surgimento de um burguês. O ímpeto da aquisição da fazenda São Bernardo e o projeto de torná-la produtiva sede espaço no decorrer do enredo à decifração do que para Paulo Honório era um enigma, sua esposa Madalena.

⁶³ LIMA, V. apud. SOUZA, Cristiane Maria Praxedes. *Os fios literários e a tessitura nordestina: o discurso regional em Vidas Secas de Graciliano Ramos*. Santa Cruz-RN, 2003.

⁶⁴ Ver OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Romanceando a família na terra do sol*. Recife: UFPE, 2000.

O narrador personagem retrata a geografia do mando, o homem sertanejo que administra os negócios, a família, os vizinhos, todos que o circulam. Paulo Honório narrador personagem, pensa pela lógica capitalista, do lucro, da coisificação dos sujeitos, de seus interesses. Ele teme que toda sua lógica do mando construída esfale-se nas idéias de Madalena, que representa a cidade, as idéias comunistas. Sua esposa deseja melhores condições de vida para os trabalhadores e quer uma escola de qualidade para os filhos de seus funcionários, afinal ela era professora, possuía curso normal. Paulo Honório teme não só os gastos com os “bons” atos de Madalena como a própria inteligência da mulher.

Ramos evidencia em sua escrita a difusão do comunismo, o capitalismo penetrando no sertão, o antagonismo entre o urbano e rural, a criação de escolas, a luz elétrica, são elementos que marcam a década de 1930 e estes são rastros que podemos historiar.

O medo da inteligência de Madalena, a tentativa de silenciamento desta por Paulo Honório reflete a percepção sobre o gênero feminino. A mulher, tida como um ser inferior, não inteligente, representava o espaço da mãe na família patriarcal, o espaço do silêncio. Graciliano critica este silenciamento feminino dando voz a Madalena. A morte dela no final nos mostra como este processo de conquista de espaço feminino foi lento, brigado, conquistado e como algumas mulheres não se deixavam dominar. O suicídio de Madalena é uma forma encontrada por esta de resistir à lógica do mando imposta por Paulo Honório

A fertilidade econômica contrasta com a infertilidade afetiva em *São Bernardo*. Os personagens se moldam a interesses econômicos, mas estão sempre angustiados. Graciliano destaca também a infertilidade literária relatando logo no início do romance como é difícil, agreste, a arte de escrever. A desintegração do sujeito no ápice do seu vazio vai sendo articulada à dor e ao remorso que maltrata a consciência de Paulo Honório que, assim como o Graciliano menino, se vê miúdo, incapaz.

Acusado de subversão devido ao romance *São Bernardo*, Graciliano é preso em 1936 pelos homens de Vargas, com a justificativa de combate ao comunismo. Sem saber por que estava sendo preso (nesta época, Graciliano não tinha filiação ao Partido Comunista), amargou humilhações e passou por várias prisões. Na prisão, Graciliano continua a escrever, a criar cenários e personagens. Uma de suas obras mais conhecidas *Memórias do cárcere* é baseada neste momento obscuro que o escritor vivencia.

Memórias do cárcere, publicado postumamente, é considerado uma literatura de caráter de denúncia social. Dimensionada também num discurso psicológico, que não se afasta da realidade circunstancial de opressão do estado varguista, e nos provoca a fazer uma reflexão sobre a fraude ideológica inerente a qualquer tirania. Flávio Loureiro destaca que a “crônica dos fatos deixa de ser uma simples crônica, transforma-se em romance de sondagem psicológica em que o eu revela-se como representação e metáfora do desastre social”⁶⁵ revelando assim a qualidade metafórica do discurso realista de Graciliano que, através do uso da memória⁶⁶, nos faz perceber o diálogo entre as experiências do passado e a reflexão do presente.

A pressão dos intelectuais e o prêmio Lima Barreto no ano de 1936[sic]⁶⁷ pela publicação de *Angústia*, fez com que ele fosse libertado. A obra caracteriza-se segundo Miranda:

“pelo transbordamento e pelo excesso: acúmulo e superposição de imagens e figuras desconexas, justaposição espetacular de micronarrativas encaixadas, reiteração obsessiva de elementos análogos, irredutíveis a qualquer tipo de ordenação que não seja devaneios e alucinações da personagem que narra.”⁶⁸

O narrador Luis da Silva exprime suas angústias ao longo da narrativa, lamentos de seu cotidiano pobre, de seu passado e de sua origem. Enredo que constrói depois de assassinar o amante de sua amada, Julião Tavares, negociante que intervém na sua relação amorosa com Marina, que engravidando e abandonada pelo amante, aborta. Luis da Silva constrói uma narrativa agonizante em que tenta expurgar sua culpa, buscando justificativas desde sua infância para o crime que cometera.

Em 1938 é publicado *Vidas Secas*, considerado uma das obras mais importantes de Graciliano Ramos, este romance inaugura um novo momento na escrita do autor. Escrito em terceira pessoa, fato que logo o difere dos romances anteriores escritos em primeira pessoa, *Vidas Secas* narra a história de Fabiano e sua família, retirantes que,

⁶⁵ CHAVES, Flávio Loureiro. *História e Literatura*. 3ed. amp- Porto Alegre: Ed. Universidade (UFRGS,1999). p.54.

⁶⁶ A memória é um elemento presente na maioria dos escritos literários de Graciliano Ramos, em São Bernardo, por exemplo, o narrador personagem Paulo Honório parte de suas memórias para construir sua narrativa.

⁶⁷ Não está bem claro o ano do prêmio Lima Barreto recebido por Graciliano Ramos pela sua obra *Angústia*, visto que a autora trabalhada Cristiane Maria Praxedes Souza, não consegue evidenciar a certidão da data.

⁶⁸ MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004. - (Folha explicativa) p.33.

atrás da sobrevivência, buscam a cidade para fugir da seca, da vida árida que os persegue.

Composto entre maio e outubro de 1937, logo após a saída de Graciliano da prisão, tem seus primeiros capítulos publicados de maneira avulsa, reunidos depois em livro. Mostrando a face nordestina marcada pela pobreza, miséria que dilacera a condição humana, a fome não que é só de pão, mas também de justiça social é o que o escritor denuncia. Sua escrita escancara os sujeitos calados pelo poder e pela fome, rompe com os ideais difundidos pelo Estado Novo. A pátria mãe posta por este discurso é madrasta de seus filhos que sofrem no silêncio e nele denuncia a falta do leite que já secou.

O medo da morte persegue toda narrativa, mostrando o caráter ambíguo do sujeito que ao mesmo tempo em que é fraco e vitimado pela fome, é forte no combate de cada dia com a morte. A paisagem privilegiada pelo autor é a seca, que ressignifica sujeitos, saberes, questionando o sentido da vida marcada pela dor e o sofrimento. Percebe-se claramente no romance o caráter de denúncia social e as inclinações marxistas de Graciliano Ramos, que critica o sujeito burguês e o sistema no qual ele está inserido.

O ano de 1945 é marcado pela publicação de *Infância*, livro de memórias no qual Graciliano mergulha em sua infância, realizando uma autobiografia. A questão da memória sempre esteve presente em suas obras e este foi escrito no decorrer de quase seis anos, surgindo inicialmente em textos esparsos e depois sendo reunidos na forma de livro. Graciliano utiliza da rememoração para se aproximar de um passado que ele não mais o alcança. Suas memórias servem de base para a criação do enredo, que possui vida própria, dada pelo autor e reconstruída pelo leitor. Sendo assim, como destaca Miranda, é importante perceber o caráter ficcional das autobiografias, que assim como a História não podem alcançar a verdade do acontecimento. Primeiro, porque ela é múltipla em sua essência; segundo, ela é inatingível em sua temporalidade; o que construímos são versões do acontecido.

Vitimado por um câncer no pulmão, o “mestre Graça” não resiste e parte para outro plano no dia 20 de março de 1953, deixando como herança para a humanidade uma série de textos, desde obras infantis como a *Terra dos Meninos Pelados* a obras consagradas pelo público adulto como *São Bernardo e Vidas Secas*. Pela grandiosidade do conjunto de suas obras, não refletimos sobre todas, destacamos apenas algumas para exemplificar a diversidade da composição de seus textos.

Graciliano se vai, mas deixa seu nome inscrito na História. Durante toda sua vida, dedicou-se à arte de dizer, de escrever não só com a carne, mas também com a alma. Seus textos publicados pós sua morte⁶⁹ e as várias reedições o colocaram como um dos maiores escritores da literatura mundial. A fidelidade às suas ideologias marcaram sua vida, sua escrita e diversos discursos permearam suas obras. Refletindo sobre a sociedade da década de 1930 e sobre os sujeitos que a compõem, Graciliano nos fornece diversos rastros e possibilidades de historiar seus personagens. Convidamos você, leitor, a junto conosco construir uma análise sobre os discursos que circulam em *São Bernardo*, encontrando nas rupturas e nas descontinuidades um eixo argumentativo. “Sertanejo de uma só peça, um caráter, uma consciência. Não foi só um escritor, foi um grande homem” (Jorge Amado)⁷⁰.

Voltemo-nos agora para o segundo capítulo, vamos descobrir o que este “grande homem” nos reserva.

⁶⁹ Memórias do Cárcere, Viagem, Histórias Agrestes entre outros.

⁷⁰ AMADO, Jorge apud. SOUZA, Cristiane Maria Praxedes. **Os fios literários e a tessitura nordestina: o discurso regional em Vidas Secas de Graciliano Ramos**. Santa Cruz-RN, 2003.26

2. RUPTURAS NO CENÁRIO

Neste capítulo iremos analisar as personagens que transitam no romance São Bernardo, evidenciando seus discursos, suas construções, inventividades, e percebendo como eles rompem com o cenário projetado por Paulo Honório em seu livro, anotações sobre suas memórias, revelações sobre seu projeto de vida e como este foi alterado pelas rupturas causadas por outros personagens. Olhemos de início para Madalena, sujeito que inquieta Paulo Honório, que o faz sair do caminho traçado, arquitetado, projetado.

2.1. Madalena: fissuras do corpo feminino, angústias da alma

De repente conheci que estava querendo bem a pequena. Precisamente ao contrário da mulher que eu andava imaginando - mas agradava-me como os diabos. Miudinha, fraquinha. D. Marcela era bichão. Uma peitaria, um pé-de-rabo, um toitiço!⁷¹

Madalena emerge na obra de Graciliano Ramos como o sujeito que desconstrói, que recria o ambiente, que provoca fissuras. É, ao mesmo tempo, forte e frágil, um misto de submissão e de provocações. Representa um tipo de feminino que ganha visibilidade nos anos 30, caracterizado pela recepção aos novos valores urbanos, modernos, contemporâneos. Paulo Honório apresenta Madalena como um ser frágil, pequeno, miúdo, um ser que merecia cuidados, ou melhor, um ser que seria mais fácil controlar. Ao longo da narrativa Madalena vai sendo desvelada pelo olhar de Paulo Honório, que não consegue decifrar o enigma que acredita ser sua esposa. Madalena vem romper com o cenário que Paulo Honório tinha projetado, de início rompe com sua idealização de mulher, boa para casar e para parir, bem comportado e mofina, um bem que poderia ser comprado. Atraído por Madalena, ele inicia seu projeto de aquisição da mesma.

Mas porque não espera mais um pouco? Para ser franca, não sinto amor.
- Ora essa! Se a senhora disse que sentia isso, eu não acreditava. E não gosto

⁷¹ RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 79. ed. Ed. Revistã. Rio de Janeiro: Record, 2004, p.77.

de gente que se apaixonou e toma resoluções às cegas. Especialmente uma resolução como esta. Vamos marcar o dia.

– Não há pressa. Talvez daqui a um ano... Eu preciso preparar-me.

– Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte e quatro horas. (...)

– D. Glória, comunico-lhe que eu e sua sobrinha dentro de uma semana estaremos embridados. Para usar linguagem mais correta, vamos casar⁷².

Realizado o projeto de aquisição da Fazenda São Bernardo e a empreitada de transformá-la em algo produtivo, Paulo Honório decide-se casar, afinal precisava de um herdeiro, de ter quem perpetuasse seu nome. Para Paulo Honório, constituir uma família era sepultar o passado que ele tanto desejou, apagar sua origem desconhecida, criar um nome, uma prole. Sua nova condição socioeconômica não mais permitia que ele continuasse sem família, a construção de uma identidade burguesa não aceitaria um trabalhador do eito como seu legítimo representante, impulsionado pela construção de uma nova identidade Paulo Honório volta-se para esse novo “negócio”.

O cenário minimamente projetado pelo narrador vem ser rompido por um novo sujeito. Após o casamento com Madalena, a narrativa toma outro rumo, como destaca Miranda:

Seu encontro com Madalena esfacela o controle e o domínio de si e do mundo tão cuidadosamente cultivados malogram: “os fatos mais insignificantes [avultam] em demasia”. Se no primeiro momento sua linguagem consegue manter-se nos limites de “exatidão e clareza”, no segundo, ela passa a ser contaminada pelas “ciladas” e pelo “veneno” do vocabulário de Madalena.⁷³

A linguagem, como já, é um aspecto relevante na escrita de Graciliano Ramos. Em São Bernardo, Paulo Honório apresenta esta dificuldade com a linguagem. Como discute Foucault o saber é gerador de poder, sendo assim quem detém o saber exerce de alguma forma poder sobre os outros. O saber de Madalena causa angústia em Paulo Honório, pois ele não detém o conhecimento. Aprendeu a ler no período em que ficou preso em uma pequena Bíblia⁷⁴, o saber de Madalena era um saber sistematizado,

⁷² RAMOS, Graciliano. 2004. *Op.cit.* p. 106-107.

⁷³ MIRANDA, Wander Melo. **Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silvano Santiago**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992. p.48-49.

⁷⁴ RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 79. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004p.16

adquirido em anos de Escola Normal⁷⁵, a linguagem culta de Madalena às vezes o deixava confuso, era mais um elemento que ele não conseguia controlar.

Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro, fazem conferências e conduzem um marido ou coisa que o valha. Falam bonito no palco, mas intimamente, com as cortinas cerradas, dizem:

– Me auxilia, meu bem.

(...)

Madalena, propriamente, não era uma intelectual. Mas descuidava da religião, lia os telegramas estrangeiros.

E eu me retraía, murchava.⁷⁶

Paulo Honório se retraía perante o saber de Madalena, mas um ponto chama atenção: qual o motivo do incômodo pela falta de religiosidade de Madalena? A Igreja servia como elemento normatizador de corpos e mentes, isso se dava não apenas pelos dogmas, mas pelos discursos religiosos que circulavam em conversas, em práticas cotidianas. A Igreja também agia a serviço do Estado que propagava a idéia da mulher como formadora da família, defensora e cuidadora do lar. Madalena não demonstrava inclinações religiosas, muito menos interesse pelas atividades do lar, ela buscava um novo espaço, desejava romper com as idéias “atrasadas” de Paulo Honório, as rupturas difundidas pelos ideais modernos.

Paulo Honório se incomodava com a falta de religiosidade de Madalena, por esta não se enquadrar a esse ideal de mulher perfeita, afeita aos afazeres domésticos, pedagogizada pela doutrinação cristã. Em várias passagens, o narrador personagem relata a falta de amor e de cuidados de Madalena para com seu filho: “*se ela não quer bem ao filho!*”⁷⁷, enquanto em nenhuma passagem do romance são relatadas demonstrações de carinho ou afetividade de Madalena, e o próprio Paulo Honório confessa não ter afeições a seu filho. Se ele também não apresenta interesse no seu filho, desejando-o apenas para perpetuar seu nome e herdar seu “império”, porque o destaque na falta de sentimentos de Madalena? E porque muitos de nós, leitores, nos incomodamos com esta falta de amor para com a criança que tem sua própria identidade

⁷⁵ Escola destinada a princípio ao público feminino. O ensino deste tipo de escola era voltado para a preparação de professoras, concedendo as moças que ali ingressavam e concluíam seus estudos com bom aproveitamento a habilitação ao magistério.

⁷⁶ RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 79. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004. p.158-159

⁷⁷ RAMOS, Graciliano. 2004 op.cit. p.161.

negada, sem sequer ser nomeado? O filho de Madalena e Paulo Honório representa o sujeito sem nome, sem vida, sem identidade.

Badinter⁷⁸ discute como o mito do amor materno foi construído historicamente, revelando como ao longo do tempo a mulher adquire com a maternidade um *status* privilegiado. A “mulher mãe” ao adquirir a responsabilidade de cuidar dos filhos, ganha autoridade dentro do lar, poder este que antes só o pai possuía. A modernidade trará também uma importância para a mulher como formadora de cidadãos que, regidos pela moral e “bons costumes”, serviriam a pátria. É interessante destacar que o amor materno não é uma criação do final do século XVIII e início do XIX, mulheres de épocas anteriores podem ter tido este sentimento, mas a valorização deste sentimento, da figura da mulher como mãe, vão ser projetadas e difundidas neste período, onde ecoam os discursos médicos, a higienização dos corpos e mentes, e a busca por uma sociedade mais forte e saudável.

A modificação do olhar para com a criança também colabora para a construção deste ideal, pois o Estado passa a se preocupar com as crianças nos primeiros anos de vida, difundindo o discurso da responsabilidade da mãe no cuidar dos filhos, responsabilidade que antes era destinada às amas, que em sua maioria maltratava os pequenos. Sabendo que as mudanças culturais, os hábitos e costumes se modificam lentamente, e que nem todas as mulheres se sensibilizaram a estes discursos, podemos perceber porque estes tiveram uma veiculação tão intensa deste ideal de mulher e de amor materno.

O que no início foi uma forma de adquirir mais poder no seio da família, se volta para a mulher como um aprisionamento ao lar. Aquelas que não se enquadravam no ideal de mãe passam a ser julgadas pela sociedade não apenas como uma péssima mãe, como também tem sua imagem de mulher denegrida, o que dificultou, por exemplo, a inserção da mulher no mercado de trabalho. A indiferença materna, que antes não era questionada, passa a ser alvo de críticas da sociedade. Madalena passa então a ser questionada por não apresentar esse amor materno que tanto se idealiza em nossa sociedade. Mas o que seria esta maternidade? O ato de parir não implica em sentimento, muitas mulheres não sentem nenhum amor materno durante a gravidez ou quando o

⁷⁸ Ver: BANDINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

filho nasce, já outras não precisam gerar para se sentir mãe, o amor também é uma questão de sensibilidade de cada indivíduo⁷⁹.

Madalena, de origem citadina, vem romper com a figura feminina direcionada ao lar, e com a lógica do campo que Paulo Honório tanto dominava. O seu letramento, a colaboração de Madalena para a revista *O Cruzeiro*, e suas aspirações modernas invadem o território rural. O urbano vem provocar fissuras no rural, dominar, tornar o Brasil agrário coisa do passado. Aluna de Escola Normal, professora e admiradora de idéias comunistas, Madalena é uma representante da modernidade, o ser feminino que busca novos espaços, novos códigos e valores. A modernidade representada por Madalena entra em atrito com o atraso, a tradição, e os valores da dita sociedade patriarcalista⁸⁰ pregados por Paulo Honório.

Mas afinal o que é ser moderno? Para Buriti⁸¹ é aceitar o novo mundo em suas rupturas, seus novos códigos sociais, as novas sensibilidades e afetividades, adquirindo assim aspectos diferentes que variam no tempo, ou seja, o que é moderno na década de 1930, não é mais em 2010. É importante perceber como os símbolos do moderno estão presentes na obra, os discursos sobre higienização, a instituição escolar, a justiça, o progresso entre outros, analisando como os discursos foram veiculados na sociedade de 1930 e como Graciliano os ordena em seu romance.

Como toda mudança de comportamento gera conflito, evidenciamos algumas diferenças que contraditoriamente se constrói na reflexão entre o moderno, a modernidade e modernização. Madalena é construída como defensora do discurso moderno, da inserção da mulher no mercado de trabalho, do direito à intelectualidade, do direito à escola, esta tida como uma instituição libertadora do sujeito entra em atrito com Paulo Honório, representante do discurso burguês e tradicional ao mesmo tempo. Paulo Honório, quando se tratava de negócios era profundo defensor do progresso, tanto que empreendeu uma modernização em São Bernardo, instalou telefone, luz elétrica, maquinário, fez uma estrada, construiu escola – mesmo que por interesse político –, dividia o trabalho pela lógica capitalista e aproveitava o que pudesse render lucros em sua fazenda.

⁷⁹Ver: BANDINTER, Elisabeth, 1985 op.cit.

⁸⁰ Termo empregado e conceituado por Gilberto Freyre, ao se referir a um conjunto de normas, valores, condutas de uma sociedade que via na figura do pai o sinônimo do mando e do medo, na tradição, do apego ao passado.

⁸¹ Ver OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Façamos a família à nossa imagem: A construção dos conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)*. Recife, UFPE, 2002.

Paulo Honório era defensor da modernização, mudanças econômicas, avanços tecnológicos, predomínio da ciência, da razão, era um sujeito prático. Entretanto não aceitava o moderno, as novidades que Madalena discutia com Padilha, antigo proprietário de São Bernardo e professor da escola criada na fazenda para os filhos dos trabalhadores. Rejeitava as rupturas que este moderno travava com o antigo, com o tradicional principalmente no que toca aos códigos morais e familiares. Neste ponto ele era um representante da sociedade do mando, da figura masculina como centro de poder e de controle. Desejava a modernização, não a modernidade. Essa alternância entre o modernizado e o tradicional presente no sujeito, impulsionará toda narrativa e a teia discursiva que nela se construirá.

2.2. A onda vermelha invade a narrativa

Logo após o casamento de Madalena e Paulo Honório, nas primeiras semanas, iniciam-se as brigas conjugais, surgem os ciúmes, as divergências de opiniões. Paulo Honório é envolvido por seu sangue quente, uma onda vermelha cobre seus olhos levando-o a ter ciúmes por motivos fúteis, principalmente relacionados a gastos que Madalena empreendera com alguns moradores da fazenda e as suas interferências no trato com funcionários: *“Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, foi desta vida agreste que me deu uma alma agreste.”*⁸² Paulo Honório revela seu desconhecimento a respeito de Madalena, discurso que se intensifica quando desperta os ciúmes: *“Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil “palestras amenas e variadas.” Que haveria nas palestras reformas sociais ou coisa pior. Sei lá mulher sem religião é capaz de tudo.”*⁸³

Podemos perceber que apesar de Graciliano ainda não ser filiado ao partido comunista, ele tem conhecimento da difusão das idéias comunistas⁸⁴ por todo o mundo.

⁸²RAMOS, Graciliano. *São Bernardo* 79. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004.p117.

⁸³RAMOS, Graciliano. 2004. *op.cit.* p. 155.

⁸⁴ A publicação do Manifesto Comunista em 1848 escrito por Karl Marx e Friedrich Engels, vem difundir por todo o mundo uma reflexão sobre as lutas de classes principalmente sobre a opressão do proletariado, massacrado por uma burguesia dominante, e alienação das massas trabalhadoras. A difusão das ideias comunistas ganham destaque com a Revolução Russa de 1917. Os bolcheviques tomam o poder e

Paulo Honório se incomodava com a possibilidade de Madalena ser simpatizante do comunismo porque ele, Paulo Honório, se sentia um “legítimo representante” da burguesia e, dessa forma, sentia o temor do fim da propriedade privada, e da exploração do trabalhador lhe tirava o sono. Ele não poderia aceitar que sua própria esposa fosse de encontro à lógica capitalista que ele tanto defendia. Aliado ao discurso defensor do capitalismo, temos a Igreja Católica que considerava, naquele contexto dos anos 30, os comunistas uma ameaça à religião e à família⁸⁵. Por isso o incômodo perante a falta de religiosidade de Madalena, quem não tinha religião ou, pelo menos, não demonstrava ter.

Além das idéias comunistas difundidas em várias partes do mundo, o pensamento autoritário também ganha espaço em São Bernardo. No Brasil temos o crescimento das idéias integralistas, buscando um Estado forte e autoritário e em defesa da moral e das famílias, os integralistas junto com a Igreja Católica foram os maiores responsáveis por difundir o anticomunismo no Brasil, como destaca Levine:

Quanto à apreciação dos integralistas em sua relação com outras forças sociais, ressalta o apoio concedido pela Igreja Católica, militares, políticos influentes e governo federal. Destaca também na ideologia integralista, o nacionalismo, o antiliberalismo, o anticomunismo e o anti-semitismo como seus traços mais fortes.⁸⁶

O anticomunismo é utilizado pela Igreja como uma forma de garantir seus fiéis temerosos e guardiões da sociedade. Os integralistas levantam esta bandeira buscando o apoio da Igreja e da sociedade conservadora e o Estado varguista vai se valer desse discurso para justificar suas ações perseguidoras e repressoras, a dita ameaça comunista servirá de base para perseguir os próprios Integralistas, comunistas, e todos que critiquem o Estado ou que sejam considerados subversivos.

Paulo Honório além dos ciúmes de Madalena com Padilha, traz para a narrativa a discussão sobre o anticomunismo, a difusão das idéias comunistas e sobre o materialismo histórico entre o público feminino, o último termo ele admite não saber do que se trata, mas é justamente essa falta de domínio sobre o conhecimento e sobre sua mulher que tanto o angustia, discussões que ganhavam visibilidade na década de 1930.

instalam pela primeira vez um regime socialista, baseado na propriedade coletiva, no Estado formado pelo proletariado, e pela forte crítica ao capitalismo e sua forma de exploração do trabalhador.

⁸⁵ Os comunistas consideravam a religião uma forma de alienação do sujeito. Sua maioria era ateu, aumentando ainda mais a rejeição da Igreja para com eles.

⁸⁶ Apud. CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão**. São Paulo: Annablume, 1999. p19.

Mas voltemo-nos agora para o discurso sobre o comunismo que circula a obra. O primeiro contato com o discurso de anticomunismo é no momento em que Paulo Honório flagra Padilha conversando com Casimiro Lopes e Marciano um trabalhador da fazenda.

– Um roubo. É o que tem sido demonstrado categoricamente pelos filósofos e vem nos livros. Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo.

Marciano, mulato esbodegado, regalou-se, entronchando-se todo e mostrando as gengivas banguelas:

– O senhor tem razão, seu Padilha. Eu não entendo, sou bruto, mas perco o sono assuntando nisso. A gente se matar por causa dos outros. É ou não é, Casimiro?

– Casimiro Lopes franziu as ventas, declarou que as coisas desde o começo do mundo tinham dono.

– Qual dono! Gritou Padilha. O que há é que morremos de trabalhar para enriquecer os outros.

Sai da sacristia e estourei:

– Trabalhando em quê? Em que é que você trabalha, parasita, preguiçoso, lambaio?⁸⁷

Paulo Honório se irrita ao ver os seus funcionários conversarem a respeito da distribuição de riqueza e da exploração de trabalho que ele vivenciava. Culpava Padilha por tentar despertar nos trabalhadores idéias revolucionárias que combatia de forma enfática a propriedade privada, e a condição dos trabalhadores. Depois de presenciar esta conversa Paulo Honório passa a culpar Padilha também pelo comportamento de Madalena, e à suspeitar que os dois tivessem um caso. No decorrer da narrativa podemos perceber diversas críticas de Graciliano ao anticomunismo e a posição política de algumas personagens. O caráter ideológico que sua obra apresenta se evidencia nestes momentos, o seu lugar de fala, sua ideologia, ecoa na obra. Em seguida apresentarei um dialogo que servira de ponto de partida para a análise de alguns discursos construídos sobre o comunismo.

– Que foi que lhe aconteceu para o senhor ter essas idéias? Desgostos? Cá no meu fraco entender, a gente só fala assim quando a receita não cobre a despesa. Suponho que os seus negócios vão bem.

– Não se trata de mim. São as finanças do Estado que vão mal. As finanças e o resto. Mas não se iludam. Há de haver a revolução!

– Era só o que faltava escangalhava-se esta gangorra.

– Por quê? Perguntou Madalena.

– Você também é um revolucionária? Exclamou com mau modo.

– Estou apenas perguntando por quê.

⁸⁷ RAMOS, Graciliano. 2004. *op.cit.* p.68.

- Ora por quê! Porque o crédito se sumia, o câmbio baixava, a mercadoria estrangeira ficava pela hora da morte. Sem fala na atrapalhão política.
- Seria magnífico, interrompeu Madalena. Depois se endireitava tudo.
- Com certeza, apoiou Luiz Padilha.
- (...)
- Era o que vocês queriam. Teremos o comunismo.
- (...)
- Nada disso, asseverou padre Silvestre. Essas doutrinas exóticas não se adaptam entre nós. O comunismo é a miséria, a desorganização a da sociedade, a fome.⁸⁸

Madalena se coloca a favor da revolução, rompendo não só com a ordem vigente contrária a inserção da mulher em assuntos como a política, mas também se põe contra a posição do seu marido, o que o irritava ainda mais. Paulo Honório, representante da burguesia, temia a revolução, o medo de impactos negativos no comércio, e principalmente o medo da perda da propriedade privada, o direcionava a se opor a essas idéias. Mas a fala do padre Silvestre no final é bem elucidativa a revolução não era a desejada por Madalena, era a tomada do poder pelos liberais. O padre que se queixa do Estado, deseja mudanças, mas não tão radicais como o comunismo, sua fala demonstra como a Igreja se posicionava a este respeito, e como ela ajudava a projetar a imagem do comunismo como miséria, desorganização da sociedade, falência da família e da igreja.

Segundo Pierre Sanchis, a Igreja católica no Brasil foi uma das instituições-chave para elaborar os chamados “retratos do Brasil”, através de mensagens globalizadoras que procuravam dar conta do processo histórico brasileiro. Em outras palavras a Igreja foi “peça” fundamental na produção de ideologias nacionais.⁸⁹

A Igreja católica exercia uma forte influência sobre seus fiéis, sendo assim propagava idéias de cunho político, construindo representações sobre temas como o comunismo, alimentando o imaginário das pessoas de temor e rejeição a essa idéias. O discurso proferido por padre Silvestre materializa suas ideologias, tendo como função reguladora e normativa a produção de um saber, este carregado de intencionalidades gerando relações de poder⁹⁰. Sendo assim a Igreja utiliza seu poder discursivo a favor de

⁸⁸ RAMOS, Graciliano. 2004. *op. cit.* p.151-152

⁸⁹ PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima. **O anticomunismo Católico em cena: a defesa da propriedade privada e a desconstrução do “paraíso soviético”**. Revista eletrônica cadernos de história, Vol. VI, ano 3, n.2, dezembro de 2008.p.210.

⁹⁰ Para Foucault o poder não se dar numa instância isolada ele se relaciona com o sujeito através de relações, que resultam em efeitos múltiplos de interação entre o sujeito que exerce o poder e o sujeito receptor, mostrando que não é uma relação estável ela é de troca todos os sujeitos que se inserem na trama do poder são ao mesmo tempo receptores e geradores de poder.

uma ideologia que a beneficia, padre Silvestre cai em várias contradições, julga defender o interesse da coletividade, entretanto quando esse interesse entra em atrito com suas ideologias, o particular se sobressai a coletividade. Assim, o saber sobre o comunismo é tramado pela instituição católica, de forma que possua efeitos de verdade, que convença seus fiéis que seu discurso é o verdadeiro.

Dentro deste contexto, a Igreja católica se mostra como uma das principais instituições responsáveis por formular e enfatizar os discursos do Brasil como pátria-mãe, de nacionalismo, de moralização da sociedade, em fim projetou os discursos de ideologias nacionais, buscando junto ao Estado ser agenciadora de uma consciência de caráter nacional. Esse debate vivenciado por Graciliano Ramos é apresentado de forma crítica em sua obra. Ele nos mostra como a Igreja serve ao Estado, e também é servida, e como ela esta presente nas mudanças que este sofre

Padre Silvestre era defensor da Republica, mas descontente com o governo passa agir como um defensor de mudanças, e vê na Aliança Liberal, uma forma de conseguir modificar o Estado, quando ocorre a Revolução de 1930⁹¹ chega a pegar em armas e lutar pela revolução, como narra Paulo Honório no capítulo XXXIII.

Um dia Azevedo Gondim trouxe boatos de revolução. O sul revoltado, o centro revoltado, e o nordeste revoltado.

– É um fim de mundo. (...)

– Uma invasão de bárbaros! gritava Azevedo Gondim. Estamos perdidos.

Padilha, numa agitação constante, devorava manifestos e roia as unhas. Enfim, quando a onda vermelha inundou o Estado, desapareceu subitamente.

João Nogueira elucidou o caso:

– Padilha e padre Silvestre incorporaram-se às tropas revolucionária e conseguiram galões.

Vargas, logo que assume o poder depois da Revolução de 1930, se preocupa em garantir ao lado do Estado o apoio da Igreja Católica, sabendo do seu poder na sociedade brasileira, ele a utiliza como aliada, difundindo juntos idéias anticomunistas, que utilizara para se manter no poder, a idéia de uma identidade nacional, e propagando sua imagem como pai dos pobres e defensor da família.

⁹¹ A chamada revolução de 1930 marca cronologicamente o final da Primeira Republica. Nas eleições de 1930, a Aliança Liberal perdeu, vencendo o candidato republicano Júlio Prestes. Mas, usando como pretexto o assassinato do aliancista João Pessoa por, João Dantas acusado de ser simpatizante de Washington Luís, o que não foi o motivo que o levou a cometer o assassinato e sim questões pessoais. Getúlio Vargas e seus partidários organizaram um golpe que, em outubro de 1930, tirou Washington Luís do poder. Getúlio Vargas tomou posse do governo no dia 3 de novembro 1930.

O Estado varguista⁹² vai se valer do discurso provedor de pai da sociedade protetor da ordem e das famílias, despertando nas pessoas a afetividade, adquirindo apoio popular. Assim Vargas vai ganhando visibilidade e registrando seu nome entre os trabalhadores. Para conseguir seu projeto político, o mesmo se vale principalmente da propaganda, conhecendo o enorme poder simbólico que esta causava. Utilizará a propaganda em favor de seu governo e na difusão das ideias anticomunistas. Lenharo discute em seu texto a *Sacralização da Política* como Vargas vai estruturar sua imagem perante a sociedade.

Vargas, em inúmeras oportunidades, chamou atenção para o papel da imprensa, em particular, e dos meios de comunicação em geral como dispositivos de controle e mudança da opinião pública. O ofício do jornalismo era por ele chamado de “sacerdócio cívico”⁹³

Graciliano Ramos crítico do governo de Vargas, sofre com a intensificação dos discursos autoritários veiculados ao Estado nas décadas de 1930 e 1940. Sem acusação formalizada, Graciliano é preso pelo governo Vargas em 1936, sua posição política e a crítica a sociedade burguesa baseada no capitalismo, apresentado em seu romance *São Bernardo* foi apontada por muitos como a motivação que o governo de Vargas buscou para tentar deter o mestre Graça, tolo os que pensam que cessar a liberdade de ir e vir implica em cessar a liberdade de pensamento. Tentou-se calar Graciliano, seu corpo foi aprisionado, mas sua alma não se rendeu as grades da prisão.

2.3. O eu esfacelado

Vários sujeitos se mostram fragmentados no romance *São Bernardo*. Seu Ribeiro, o guarda livros de *São Bernardo*, é apresentado por Paulo Honório numa profunda discussão entre passado e presente, memória, angústia e saudade, narrativa que tornará a ser evidenciada no final do romance quando Paulo Honório se mostra como ruína de suas memórias. No capítulo VII, Paulo Honório narra a história de vida de seu Ribeiro, sujeito que devido ao seu conhecimento, gozava de grande prestígio no

⁹² O período que compreende a era Vargas vai de 1930 até 1954, passando por intervalos. Assume a presidência em caráter provisório devido a Revolução de 1930. A nova Constituição de 1934 o elege em caráter indireto mandato que iria até 1938, mas temendo perder o poder Vargas dá um golpe de estado em novembro 1937, alegando que a nação corria um sério perigo, a ameaça comunista assolava o país. Em 1945 foi deposto pelos generais, voltando ao poder em 1950 pelo voto direto, deixando o governo apenas em 1954, quando se suicida.

⁹³ LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2ed. Campinas, SP: Papyrus, 1986. São Paulo Companhia das Letras, 2002.p.39

povoado em que morava, considerado major por conhecer todos os segredos já que lia as cartas, se orgulhava do seu conhecimento, seu Ribeiro ampliava o vocabulário do povoado, lia e decorava lei antigas e palavras difíceis e sai arrotando seu conhecimento impressionado a todos, adquirindo respeito resolvia todos os problemas que pudesse ocorrer no povoado.

O major decidia ninguém apelava. A decisão do major era um prego.
 Não Havia soldados no lugar, nem havia juiz. E como o vigário residia longe, a mulher de seu Ribeiro rezava o terço e contava histórias de santos às crianças. (...)
 Ora, essas coisas se passaram antigamente.
 Mudou tudo. Gente nasceu, gente morreu, os afilhados do major cresceram e foram para o serviço militar, em estrada de ferro.
 O povoado transformou-se em vila, a vila transformou-se em cidade, com chefe político, juiz de direito, promotor e delegado de polícia.
 Trouxeram máquinas e a bolandeira do major parou. (...)
 Chegou o médico. Não acreditava nos santos. (...)
 O advogado abriu um escritório, a sabedoria do major encolheu-se⁹⁴

A glória do passado de seu Ribeiro entra em contraste com seu presente decadente, sem família, sem prestígio, o farrapo do homem que um dia foi. Torna-se uma figura esfacelada diante do novo tempo. Seu Ribeiro não acompanhou as mudanças do progresso, a distribuição de poderes, a chegada do discurso jurídico, médico, escolar, diminuiu até findar o seu poder discursivo. Suas palavras difíceis e suas histórias não impressionam mais, não possuem mais efeitos de verdade. Não é mais necessário que ele vá resolver a briga na feira, para isso já tem o delegado e o juiz, sua mulher não precisa mais rezar, pois o padre já chegou, em fim o seu reduto, seu mundo o pequeno povoado se transformou- em cidade, o tempo passou e seu Ribeiro não conseguiu acompanhar as novas sensibilidades da sociedade moderna. Permanece num saudosismo relembando o tempo que detinha poder sobre os outros e prestígio social.

Paulo Honório também oscila da glória ao farrapo. Como destaca Miranda,⁹⁵ São Bernardo circula em dois pólos, o primeiro de edificação do sujeito, e saudação de seu projeto econômico, a reificação que Paulo Honório empreende a todos a sua volta, coisificando os sujeitos a sua volta na lógica capitalista. O segundo momento ele já se mostra angustiado, tentando buscar no passado um sopro a mais de vida, relembando

⁹⁴RAMOS, Graciliano. *São Bernardo* 79. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004 p.44-45.

⁹⁵ Ver. MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silvano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

Madalena e se martirizando por não ter conseguido decifrá-la, ou melhor dominá-la. Neste segundo memento podemos ver Paulo Honório desmoronando, até chegar os cacos do sujeito apresentados no final do romance.

Antes dos cacos, nos voltemos para a análise da construção das diversas identidades de Paulo Honório. Logo no início da narrativa, o narrador-personagem começa o processo de construção de sua identidade, que varia de acordo como o ele é interpelado, levando assim a fragmentação da identidade. Para Hall⁹⁶ o sujeito não tem uma identidade fixa, e sim identificações que variam de acordo com os espaços que estão inseridos, assim um mesmo sujeito possui uma identidade mutante, que se transforma dependendo de sua identificação com o ambiente.

O fato de não saber de sua filiação, sua “origem” familiar, modifica as características que Paulo Honório fornece, na falta de uma “origem” que lhe trouxesse respeito ele se volta para as características físicas, revelando suas sensibilidades em relação a seu corpo, o qual ele se questiona ou invoca diversas vezes na narrativa.

Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinqüenta anos pelo S. Pedro. A idade, o peso, as sobrancelhas cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração. Quando me faltava estas qualidades, a consideração era menor.⁹⁷

Paulo Honório, na falta de outras qualidades, vê na sua aparência uma forma de conseguir mais prestígio, o que é apresentado positivamente no primeiro momento, vai se modificando ao longo da narrativa. Vive uma diáspora identitária:

O que estou velho. Cinqüenta anos pelo S. Pedro. Cinqüenta anos perdidos, cinqüenta anos gastos em sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada⁹⁸

Paulo Honório se mostra como um ser árido, um indivíduo que sofre um processo de desertificação dos sentimentos, de migrações sentimentais, mas que, como o aveloz, sua sensibilidade não esgota a água da vida e do sentimento, que mesmo na árvore mais seca se matem. O remorso que Paulo Honório mostra no final da narrativa, sua angústia, as saudades de Madalena mostram que mesmo rígido, calejado, sua casca dura è penetrada.

⁹⁶ Ver HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. IN.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁹⁷ RAMOS, Graciliano. **São Bernardo** 79. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004 p.15

⁹⁸ RAMOS, Graciliano. 2004. *Op. Cit.* p.216.

2.4. Os autores: Paulo Honório e Graciliano Ramos

O romance apresenta as memórias do narrador-personagem Paulo Honório. Já decadente e solitário, ele se apegava ao projeto de escrever São Bernardo, um livro para amenizar sua solidão, revivendo no espaço da memória suas angústias, felicidades, sonhos e pesadelos do passado. Mas como toda escrita, ele revela que a sua é uma escrita interessada, que evidencia e silencia o que lhe convém. No início da narrativa constrói o projeto do livro pela divisão do trabalho, destinando funções a seus amigos, entretanto logo percebe que não teria coragem de se revelar para os outros. “Afinal foi bom privar-me da cooperação de padre Silvestre, de João Nogueira e do Gondim. Há fatos que eu não revelaria a ninguém. Vou narrá-los porque a obra será publicada com pseudônimo.”⁹⁹ O medo de si mostrar perante os outros marca a narrativa, Paulo Honório temia que ao mostrar suas sensibilidades, ia interferir na construção de sua identidade.

Essa conversa, é claro, não saiu da cabo a rabo como está no papel. Houve suspensões, repetições, mal-entendidos, incongruências, naturais quando a gente fala sem pensar que aquilo vai ser lido. Reproduzo o que julgo interessante. Suprimir diversas passagens, modifiquei outras.¹⁰⁰

Graciliano levanta a discussão sobre a posição do autor na escrita. Benjamim destaca que “A tarefa do escritor não é portanto, simplesmente relembrar os acontecimentos, mas “subtraí-los às contingências do tempo em metáfora”¹⁰¹. Paulo Honório não relembra o passado e o escreve de forma fiel, ele faz incursões na memória destacando o que ele acredita ser importante, assim como nosso narrador personagem, nós também só escrevemos o que acreditamos merecer destaque, segundo Foucault¹⁰² o autor seria um conjunto de enunciados que se personificam em um indivíduo, mas a formação, os espaços e os lugares de fala deste sujeito também vão

⁹⁹RAMOS, Graciliano. 2004 op.cit.p11

¹⁰⁰RAMOS, Graciliano 2004 op.cit. p.87.

¹⁰¹ BENJAMIM, Walter. O autor como um produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.16.

¹⁰²Ver. STRATHERN, Paul. **Foucault (1926-1984): em 90 minutos**. Trad. Cassio Boechat. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

compor sua escrita. Sendo assim na nossa escrita nos relacionamos com os outros, não temos total controle sobre ela até por que escrevemos de um lugar social, acadêmico e para os nossos pares, nossa escrita é permeada por limites como destaca Certeau¹⁰³. E ainda temos que lembra que o leitor também interfere na produção do nosso texto, pois dependendo do publico modificamos nossa escrita, a formatação do livro e o que vamos escrever, e além disso no momento da leitura o leitor interpreta o texto a partir de sua vivências.

Graciliano fornece ao leitor autonomia sobre algumas passagens, deixando a cargo da imaginação decifrar alguns momentos de São Bernardo. O autor não precisa deixar um espaço em branco para fornecer ao leitor uma temporalidade diferente, ou autoridade sobre o enredo, na própria construção da narrativa ele o faz. Ginzburg¹⁰⁴ analisa o espaço em branco como uma forma que o autor utiliza para dar autonomia ao leitor sob a narrativa, isso significa que o leitor pode imaginar, criar seu próprio desfecho para o enredo, o autor lhe concede um espaço de participação em sua obra. São Bernardo nos oferece algumas interrogações e liberdade de interpretação sobre alguns trechos, por exemplo, o assassinato de Mendonça no capítulo VI, que não é elucidado, nos fornece margem para tecer várias incursões. Paulo Honório foi muito beneficiado com a morte do Mendonça, aumentou os limites de São Bernardo invadindo as terras do Mendonça, ganhou mais prestígio político na região em fim após o assassinato seu empreendimento começou a prosperar. Em um momento de briga Madalena o chama de assassino, fato que o atormenta.

– Assassino!

Os outros nomes feios que ela me havia dito não tinham significação. Aquele tinha significação. Era o que me atormentava. Mulheres, criaturas sensíveis, não devem meter-se em negócios de homens. (...)

Assassino! Como achara ela uma ofensa tão inesperada? Acaso? Ou teria lido o jornal do Brito? O mais provável era o Padilha haver referido alguns mexericos que por aí circulavam. (...)

Assassino! Que sabia ela da vida? Nunca lhe fiz confidências.¹⁰⁵

A suspeita sobre o assassinato do Mendonça recai sobre Paulo Honório, entretanto Graciliano deixa para o leitor a imaginação e elucidação desse caso. Assim como o caso do Mendonça, o conteúdo da carta de Madalena não é revelado por Paulo

¹⁰³ Ver. CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

¹⁰⁴ Ver GINZBURG, Carlo. Decifrar um espaço em branco. In: **Relações de força: História, retórica, prova**. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹⁰⁵ RAMOS, Graciliano. **São Bernardo** 79. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004.p.166-1667.

Honório, Graciliano nos fornece a possibilidade de criar vários sentidos para o pedaço de papel que Paulo Honório encontra, não conseguindo decifrá-lo o narrador passa a imaginar coisas sobre aquele trecho de carta, em princípio pensa logo em carta ao amante de Madalena, sua falta de saber não o permite revelar o conteúdo nem do trecho nem da carta completa que após o suicídio de Madalena ele tem acesso, o que sabemos é que era uma carta de despedida, mas o próprio Paulo Honório não consegue entender a carta por completo devido a linguagem culta de sua esposa. Ramos nos permite mais uma vez criar nossa própria história, o leitor pode refletir e imaginar sobre o que estava escrito ali.

Sem dúvida a carta de Madalena a Paulo Honório é o maior e mais enigmático espaço em branco que Graciliano nos reserva em São Bernardo. A angústia de Paulo Honório perante aquele pedaço de papel o mostra míúdo, insignificante, um sujeito impotente, vítima de seu ciúme, prisioneiro de sua imaginação. O conteúdo da carta não é revelado ficando a cargo do leitor decifra-lo.

Defronte do escritório descobrir no chão uma folha de prosa, com certeza trazida pelo vento. Apanhei-a e corri a vista, sem interesse pela bonita letra redonda de Madalena. Francamente não entendi. Encontrei diversas palavras desconhecidas, outras conhecidas de vista, e a disposição delas, terrivelmente atrapalhada, muito dificultava a compreensão. (...).

Passeando entre as laranjeiras, esqueci a poda, reli o papel e agadanei idéias indefinidas que se baralharam, mas que me trouxeram um arrepio. Diabo! Aquilo era trecho de carta a homem. Não estava lá o nome do destinatário, mas era carta a homem, sem dúvidas. (...).

Sim senhor! Carta a homem!¹⁰⁶

Paulo Honório após ter encontrado o trecho da carta, fica completamente confuso, o ciúme o cega, ele passa a oscilar entre o ódio e amor. Não sabe se odeia ou ama Madalena, um turbilhão de sentimentos passa a atormentar. Seus pensamentos, desconfianças, não o permitiu perceber o estado confuso de sua esposa que em meio a palavras desconexas se despede dele

– Mas a carta?

Madalena apanhou o papel, dobrou-o e entregou-mo:

– O resto está no escritório, na minha banca. Você verá.

– Bem.

Respirei que fadiga!

– Você me perdoa os desgostos que lhe dei, Paulo?

– Julgo que tive minhas razões.

– Não se trata disso. Perdoa?

Rosnei um monossílabo.

– O que estragou tudo foi esse seu ciúme, Paulo.

¹⁰⁶ RAMOS, Graciliano. 2004 *op.cit.* p.185-186.

Palavras de arrependimento vieram à boca. Engoli-as, forçado por um orgulho estúpido. Muitas vezes por falta de um grito se perde uma boiada.¹⁰⁷

Seu orgulho, não o deixa falar, silenciado perante as doces e tranquilas palavras de Madalena, Paulo Honório não percebe a última chance que Madalena o dava, o próprio depois reflete sobre isso, percebendo que o seu calar contribuiu para a morte de Madalena, uma palavra poderia ter modificado tudo.

Anunciado pelo pio das corujas, o capítulo XXXI, apresenta o suicídio de Madalena. Alias em toda a narrativa temos a presença das corujas, seu pio marca momentos decisivos do enredo. Paulo Honório se incomoda com o pio da coruja considerada por ele como “aves amaldiçoadas”¹⁰⁸. A coruja vem anunciar algum acontecimento importante, seus olhos que veem na escuridão enxergam o desconhecido, ou o que está para acontecer. Sendo assim o pio da coruja era como a anunciação de um acontecimento, o qual Paulo Honório não tinha controle, o simbólico que a coruja representava abalava o nosso narrador personagem, o temor do desconhecido, causava nele desejo da extinção destas aves.

E o acontecimento desconhecido que fora anunciado pelas corujas se configura na morte de sua esposa. Madalena, não se rende à dominação de Paulo Honório, sua morte é um descanso, para ela morrer é a única forma de se libertar do seu esposo. A morte de Madalena significa uma fissura no cenário projetado por Paulo Honório para sua vida. A morte representa seu fracasso, sua impotência perante o outro. O suicídio de Madalena, implica também na morte do Paulo Honório próspero, seco, poderoso. Sua casca dura é rachada pelo sentimento de arrependimento, a saudade e angústia invadem a narrativa, o sujeito se desmorona, passando a ser a sombra de si mesmo. Para tentar catar os cacos de sua vida, Paulo Honório resolve então construir uma narrativa, tomando como base suas memórias, evidenciando e silenciando os acontecimentos que lhe convém.

Após a morte de Madalena tudo se espedaça, um a um os personagens vão abandonando São Bernardo, Dona Glória, seu Ribeiro, Padilha, padre Silvestre, os amigos, os empregados e o próprio Paulo Honório, o último apesar de permanecer na fazenda, não mais nutre por ela cuidados.

¹⁰⁷ RAMOS, Graciliano. 2004 *op.cit.* p 189.

¹⁰⁸ RAMOS, Graciliano. 2004 *op.cit.* p183.

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço no campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns nos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletavam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus.

Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no exército, volvendo à direita, fazendo sentinela. Outros buscaram pastos diferentes.

Se eu povoasse os currais, teria boas safras, depositaria dinheiro nos bancos, compraria mais terra e construiria novos currais. Para quê? Nada disso me traria satisfação.

(...)

Hoje não canto nem rio. Se me vejo no espelho, a dureza da boca e a dureza dos olhos me descontentam.¹⁰⁹

As lembranças de Madalena invadem a narrativa, sua falta desperta o desprezo de Paulo Honório por si e pelos outros. Graciliano desvela em tão o sujeito esfacelado, dilacerado pelo tempo, colecionando nas memórias sopros de vida. E por aqui tomo emprestado as palavras de Madalena “Adeus, Paulo. Vou descansar.”¹¹⁰

¹⁰⁹ RAMOS, Graciliano. 2004 *op.cit.*p.217-219.

¹¹⁰ RAMOS, Graciliano. 2004 *op.cit.*p.192.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos ao longo do nosso trabalho rastros sensíveis que retratassem a complexidade da existência humana. Foram apenas rastros. Graciliano deitou no papel mais que suas angústias, ele nos fez refletir sobre nossa insignificante existência. O corpo textual que analisamos representa também a alma de seu escritor, sujeito tão generoso em seu processo de criação que cedeu a nós leitores espaços de interferências, modificações e interações com o enredo, nos dando a oportunidade de junto com ele tenta decifrar Paulo Honório e o enigma Madalena.

Respaldados no espaço concedido pelo autor de São Bernardo, projetaremos, recorrendo a nossa imaginação e através de nossa sensibilidade, o que pensamos estar escrito na carta de Madalena a Paulo Honório. Conteúdo secreto, que só pode ser desvendado no campo das possibilidades. O narrador de São Bernardo não explicitou o conteúdo daquela carta. Mas nós imaginamos o que pode ter sido escrito e será o conteúdo de nossas considerações finais.

Fazenda São Bernardo, 06 de dezembro de 1936

Ilmo Senhor meu marido

Paulo Honório

Escrevo esta carta com um coração apertado de dores, de prisões que estiveram comigo nos últimos anos. Fui uma mulher aprisionada e aprisionadora. Primeiramente, perdoe-me por não ter sido a mulher que você desejava, a boneca de luxo que você tanto sonhou. Tentei, Paulo, mas não consegui mudar as minhas convicções. Procurei ser religiosa, mas os ideais feministas foram mais fortes. Tudo teria sido diferente, Paulo, porque você não confiou em mim?

Ontem tive um sonho. Sonhei que nós éramos felizes. Eu não o contrariava, Paulo, pois nossos pensamentos eram semelhantes, sentia gosto pela vida. Ah!, sentia carinho pelo pequeno.

Tentei Paulo, mas a amargura da vida me deixou estéril, não consegui nutrir sentimentos por nosso filho e nem por você. Mas não me condene. Como amaria uma criança, se a amargura já havia penetrado a minha alma! Para amá-lo, era necessário que eu me sentisse viva. O meu corpo vegetava, enquanto minha alma pouco a pouco se extinguiu.

O que atrapalhou tudo foram seus ciúmes. Nossos pensamentos divergiam, mas ainda conseguíamos nos entender. Seus ciúmes me prenderam em uma teia, as desconfianças, os maus tratos apertaram minha alma como espinhos que adentram a carne. Não resisti Paulo, agüentei o silenciar das palavras, mas não suporto a prisão da mente. A liberdade é o ar que respiro, mas você tentou tirar meu oxigênio.

Vou descansar, Paulo, não suporto mais viver. Não se angustie, não é culpa sua. Talvez sua vida árida tenha secado seus sentimentos, sei que ainda existem gotas que você teima em secar. Deixe jorrar, Paulo, o amor e a vida que existem em você. Não seja tão rigoroso com você e com os outros, se liberte das angústias. Vou partir, pelo menos o livrarei dos ciúmes.

Cuide de nosso filho, Paulo, seja o pai que você não teve e a mãe que não pude ser. Não se preocupe, o tempo irá se encarregar de fechar suas feridas, as cicatrizes irão ficar, são marcas que nos fazem lembrar do passado. Queira bem a elas Paulo, pois elas vão me trazer a sua memória.

Não posso ficar por aqui Paulo, preciso partir, me libertar quem sabe, descobrir um mundo novo pós morte, ou apenas descansar.

As nossas escolhas erradas nos levaram a esta situação. Na verdade eu não sei mais o que nos levou a tantas brigas. Será que seu ciúme era amor ou apenas o meu egoísmo? Não podemos pertencer um ao outro Paulo, ninguém é gado para ter dono. Se eu fosse um animal seria uma ave, que ao entardecer encantaria o mundo com meu canto e com a beleza do meu voo, ma você quis me prender, isso sugou a minha beleza, perdi meu canto, voar não posso mais e um pássaro quando não canta e não voa amofina, morre.

A vida precisa de alimento para se sustentar, necessita de água. Você não me alimentou com carinho, apenas me fez provar pouco a pouco o veneno do ciúme, a água que

lava a alma e hidrata o corpo era o amor, você não soube me dar, água esbarrou na casca grossa que lhe cobria, você não deixou ela penetrar seu corpo, muito menos sua alma.

Rezei por nós, não sei bem rezar, mas andei conversando com Deus. Pedi por você, pedi por todos. Paciência, Paulo, não deixe a amargura corroer seu coração. Guardo boas lembranças, um dia fui feliz. Ah! se o tempo voltasse, se não existisse o ciúme, se você fosse mais brando.

Mas o tempo não volta. Ele é cruel, passa, passa e quando vamos ver nossas vidas não tem mais sentido. Cuidado com o tempo, ele irá passar para você também Paulo, ninguém consegue segurá-lo, nem você, tão forte, tão seguro de si, pode com ele.

Me perdoe Paulo, não consigo mais, estou exausta, preciso partir. Deixo São Bernardo, meu filho, meu marido, minha chata vida. Um dia quis viver um romance, amar e ser amada, dar carinho e ser acariciada. Mas na vida não tive romance, por isso deixo a vida para entrar no Romance.

Adeus!

Madalena.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Prefácio de Margareth Rago. – 4 ed.rev. – São Paulo: Cortez, 2009

História: a arte de inventar o passado.

Ensaio de teoria da história. Bauru-SP: Edux, 2007.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flakman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BANDINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Elisabeth Bandinter; Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet; Prefácio Jeanne Marie Gagneblin. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão**. São Paulo: Annablume, 1999.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador conversações com Jean Lebrun**. Trad. Reginaldo Carmelo Corrêa de Moraes. UNESP, São Paulo.

CHAVES, Flávio Loureiro. **História e Literatura**. 3ed.amp- Porto Alegre: Ed. Universidade (UFRGS, 1999).

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In: A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense, 2000. p. 65-109.

COELHO, Victor de Oliveira Pinto. **Confissão, ficção, história: uma análise interdisciplinar da obra ficcional de Graciliano Ramos**. In: Saeculum. Revista de História, ano 15, nº 20 (2009)- João Pessoa: Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan/jun. 2009.

DACANAL, J. Hildebrando. **O romance europeu e o romance brasileiro do modernismo**. In: O Romance Modernista. Porto Alegre. Ed. Universidade: UFRGS, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento** / Michel Foucault; Org. e seleção de textos. Manoel Barros de Motta; Trad. Elisa Monteiro. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____ **Microfísica do poder.** Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.

_____ **A Ordem do Discurso (aula inaugural no Còllege de France em 2 de dezembro de 1970).** Trad.: Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista.** 4. ed. Recife, Instituto Joaquim Nabuco/MEC, 1967.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: História, retórica, prova.** Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política.** 2ed. Campinas, SP: Papyrus,1986. São Paulo Companhia das Letras, 2002.

MIRANDA, Wander Melo. **Graciliano Ramos.** São Paulo: Publifolha, 2004. - (Folha explicativa)

_____ **Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silvano Santiago.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

OLIVEIRA, Iranilson Burity de. **Gritos de vida e de morte: a decadência dos senhores de engenho nos discursos regionais (1889-1930).** Recife, 1997, 179 fl. Dissertação (Mestrado em História). CFCH, Universidade Federal de Pernambuco.

_____ **Romaneando a família na terra do sol.** Recife: UFPE, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura: uma velha-nova história.** Nuevo Mundo Mundos Nuevos,2006. Acesso em 29 de outubro de 2010.

_____ **Sensibilidades: Escrita e Leitura da Alma.** In: Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

_____ **História e História Cultural**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima. **O anticomunismo Católico em cena: a defesa da propriedade privada e a desconstrução do “paraíso soviético”**. Revista eletrônica cadernos de história, Vol. VI, ano 3, n.2, dezembro de 2008.p.210.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 79. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____ **Infância**. Pós-fácio de Claudio de Leitão. 39ª ed. revisada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____ **Angústia**. Pós-fácio de Otto Maria Carpeaux.- 57ªed.- Rio, São Paulo: Record, 2004.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Milton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SOUZA, Cristiane Maria Praxedes. **Os fios literários e a tessitura nordestina: o discurso regional em vidas secas**, de Graciliano Ramos. Santa Cruz-RN, 2003.

STRATHERN, Paul. **Foucault (1926-1984): em 90 minutos**. Trad. Cassio Boechat. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VIANA, Marly de Almeida Gomes. **Mudança de comando**. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 6, nº61,2010. Rio de Janeiro.